



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Moisés Baldissera da Silva

Amanhã e o anarquismo: uma outra perspectiva de Abel Botelho

São José do Rio Preto

2020

Moisés Baldissera da Silva

Amanhã e o anarquismo: uma outra perspectiva de Abel Botelho

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Marie Pavanelo

São José do Rio Preto

2020

S586a Silva, Moisés Baldissera da
Amanhã e o anarquismo: uma outra perspectiva
de Abel Botelho / Moisés Baldissera da Silva. -- São
José do Rio Preto, 2020
85 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e
Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Luciene Marie Pavanelo

1. Naturalismo. 2. Abel Botelho. 3. Amanhã. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São
José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Moisés Baldissera da Silva

Amanhã e o anarquismo: uma outra perspectiva de Abel Botelho

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciene Marie Pavanelo
UNESP – Campus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Lúcia Granja
UNESP – Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn
UERJ – Rio de Janeiro

São José do Rio Preto

03 de março de 2020

À Antônio Donizetti e Zenaide,
pelos abraços e orações

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela guia e consolo.

Aos meus pais, Antônio Donizetti e Zenaide, pelos conselhos e abraços, também os puxões de orelha, pois sem o apoio de vocês nenhuma linha estaria escrita, e o mestrado não seria concretizado. Nas palavras da orientadora desta pesquisa, existe um Moisés A.C. (Antes de Campinas) e um Moisés D. C. (Depois de Campinas), demonstrando como o apoio familiar transforma o trabalho de reflexão na pesquisa.

Aos meus irmãos, Douglas e Joseana, pela compreensão ao longo de todos esses anos.

A minha orientadora, Luciene Pavanelo, pela paciência na leitura da dissertação e pelas inúmeras considerações que muito agregaram à minha reflexão. O diálogo constante também propiciou um crescimento pessoal com ensinamentos que levarei para toda a vida.

Aos professores da comissão examinadora, Prof. Henrique Marques Samyn e Prof.^a Lúcia Granja, pela leitura atenta deste trabalho e pelas considerações de grande significância.

Aos meus colegas de mestrado. Entre eles Jean, com quem viajei para Curitiba e vivi uma das experiências mais memoráveis durante essa jornada. Também a Gabriela Fardin, com quem compartilhei muitas conversas, frustrações, leituras e escritas e com quem continuo compartilhando as experiências da vida docente. E a Jessyka, que com seu sorriso encantador aliviava os dias mais desgostosos, excelente pedagoga, pois me ensina muito sobre o tema, além de ter cedido um local para que eu ficasse em São José do Rio Preto na minha ida para a qualificação.

A todos os meus alunos do Cursinho Vitoriano, em São José do Rio Preto, e da E. E. Prof. Dr. Luís Tadeu Facion, em Campinas. Na prática docente encontrei o real sentido para o desenvolvimento de pesquisas literárias como esta.

“Viver é separar-nos do que fomos para ingressar no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é o substrato último da condição humana. O homem é o único ser que sente sozinho, o único que é busca de outro. Sua natureza – se é que se pode falar de natureza quando nos referimos ao homem, o ser, justamente, que se inventou quando disse “não” à natureza – consiste em aspirar a realizar-se em outro. O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, toda vez que sente a si mesmo, sente-se como carência de outro, como solidão.”

Octavio Paz (2014, p. 189)

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado propõe a análise do romance *Amanhã* (1901), escrito pelo autor português Abel Botelho. A obra faz parte da pentalogia intitulada "Patologia Social", composta por outros quatro livros – *O Barão de Lavos* (1891), *O Livro de Alda* (1898), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910). Com esse conjunto de publicações, segundo Saraiva (1995), o autor pretendeu criticar as famílias burguesas e nobres que comandavam Portugal, denunciando diversas hipocrisias da sociedade em finais do século XIX, justificando-as pelo viés da patologia como males ancestrais transmitidos pelos laços sanguíneos. Em *Amanhã* a patologia retratada é a do desvio psiquiátrico, presente no personagem principal, Mateus. Deve-se considerar também, além do viés patológico, a sua importância documental. Segundo Gomes (2009), os conflitos do romance ocorrem no período de novembro de 1894 a junho de 1895, em Lisboa, momento histórico em que há diversos levantes da população e enorme desenvolvimento sindical em Portugal. As manifestações, em sua maioria, ocorreram por influência dos ideais políticos socialistas, anarquistas e comunistas, em ascensão em toda a Europa no final do século XIX. Dessa forma, este estudo inicialmente debruçar-se-á sobre uma análise detalhada do personagem principal do romance, o contramestre Mateus. Em seguida dedicamo-nos a examinar a relação dele com Adriana, seu par romântico, pertencente a outro grupo social, mais abastado financeiramente. Outro ponto de nossa análise é o estabelecimento da relação entre a vida do contramestre e o messianismo, tema da tradição literária portuguesa, e para isso nos baseamos em Lourenço (1992). Interessa-nos também estabelecer um diálogo com o romance *Germinal* (1885), do francês Émile Zola, destacando as peculiaridades da obra portuguesa, conforme a perspectiva dos estudos da literatura comparada de Carvalhal (2006) e Santiago (2000). Com isso, esperamos contribuir para uma apreciação da obra de Abel Botelho, que aparece discretamente nos livros sobre literatura portuguesa, como o de Saraiva e Lopes (1955), por meio da análise de um de seus romances, praticamente esquecido pela crítica e desconhecido do público leitor atual.

Palavras-chave: Naturalismo. Abel Botelho. *Amanhã*.

ABSTRACT

This research intends to analyze the novel *Amanhã* (1901), written by the Portuguese author Abel Botelho. The work of Botelho is part of the pentalogy entitled "Patologia Social", composed of four other books – *O Barão de Lavos* (1891), *O Livro de Alda* (1898), *Fatal Dilema* (1907) and *Próspero Fortuna* (1910). With this set of publications, according to Saraiva (1995), the author intended to criticize the families of the bourgeois and nobles that commanded Portugal, exposing various hypocrisies of the society at the end of the 19th century, justifying them by the pathology bias as ancestral evils transmitted by blood ties. In the novel *Amanhã*, the pathology portrayed is that of psychiatric deviation, present in the main character, Mateus. In addition to its pathological bias, its documentary importance must also be considered. According to Gomes (2009), the conflicts of the novel take place from November 1894 to June 1895, in Lisbon, a historic moment in which there are several population uprisings and enormous trade union development in Portugal. Most of the protests took place under the influence of socialist, anarchist and communist political ideals, which were on rise throughout Europe at the end of the 19th century. Thus, this study will initially look at a detailed analysis of the main character of the novel, the foreman called Mateus. Then we dedicated ourselves to examining his relationship with Adriana, his romantic partner, belonging to another social group, more affluent financially. Another point of our analysis is the establishment of the relationship between the life of the foreman with Messianism, a theme of the Portuguese literary tradition, and for that we base ourselves on Lourenço (1992). We are also interested in establishing a dialogue with the novel *Germinal* (1885), written by the French author Émile Zola, highlighting the peculiarities of the Portuguese work, according to the perspective of the studies of comparative literature postulated by Carvalhal (2006) and Santiago (2000). With this, we hope to contribute to an appreciation of the work of Abel Botelho, which appears discreetly in books on Portuguese literature, such as Saraiva and Lopes (1955), through the analysis of one of his novels, practically forgotten by the critic and unknown to the current reading public.

Keywords: Naturalism. Abel Botelho. *Amanhã*.

RÉSUMÉ

Cette étude de Master se propose à l'analyse du roman *Amanhã* (1901), écrit par l'auteur Abel Botelho. L'ouvrage analysé fait partie de la série intitulée « Pathologie Sociale », composée de quatre autres livres – *O Barão de Lavos* (1891), *O Livro de Alda* (1898), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910). À partir de cet ensemble de publications, selon Saraiva (1995), l'auteur a critiqué les familles bourgeoises et nobles qui dominaient le Portugal, il a dénoncé diverses hypocrisies de la société à la fin du XIXe siècle, en les justifiant par le biais pathologique des maux ancestraux transmis par les hommes. Dans *Amanhã*, la pathologie dépeinte est un trouble psychiatrique, dont souffre le personnage principal, Mateus. Outre son caractère pathologique, son importance documentaire doit également être prise en compte. Selon Gomes (2009), les conflits du roman se sont produits dans la période de novembre 1894 à juin 1895, à Lisbonne, un moment historique dans lequel il y a plusieurs révoltes de la population et un énorme développement syndical au Portugal. En tant que les manifestations, la plupart d'entre elles se produisent en raison de l'influence des idéaux politiques socialistes, anarchistes et communistes, qui étaient en augmentation dans toute l'Europe à la fin du XIXe siècle. Ainsi, cette étude initialement fait l'analyse détaillée du personnage principal du roman, le contremaître Mateus. Ensuite, consacrons-nous à examiner sa relation avec Adriana, son intérêt romantique, qui appartient à un autre groupe social, plus financièrement abondant. Un autre point de notre analyse est l'établissement de la relation entre la vie du contremaître au messianisme, thème de la tradition littéraire portugaise et pour cela nous utiliserons Lourenço (1992). Nous sommes également intéressés à établir un dialogue avec le roman *Germinal* (1885), du français Émile Zola, mettant en évidence les particularités du travail portugais, suivant la perspective des études de littérature comparée de Carvalhal (2006) et Santiago (2000). Avec cela, nous espérons contribuer à une appréciation du travail d'Abel Botelho, qui apparaît discrètement dans les livres de littérature portugaise, tels que Saraiva et Lopes (1955), à travers l'analyse d'un de ses romans, pratiquement oublié par la critique et inconnu du public actuel.

Mots-clés : Naturalisme. Abel Botelho. *Amanhã*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. MATEUS: PERCURSO SOCIAL E MÍTICO	19
3. AMOR VS REVOLUÇÃO: A PRESENÇA DE ADRIANA MEIRELES.....	49
4. O CONTRAMESTRE E O MINEIRO: UMA ANÁLISE COMPARADA DOS ROMANCES <i>AMANHÃ</i> E <i>GERMINAL</i>	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação de mestrado propõe-se um estudo do romance *Amanhã*, escrito pelo autor português Abel Botelho, a terceira obra de uma pentalogia intitulada “Patologia Social”. A data de publicação que consta no romance é 1901, apesar de no fim da segunda edição o autor apontar que escreveu o romance entre Outubro de 1895 e Novembro de 1896, e ter publicado, segundo Correia (2008), alguns capítulos na imprensa periódica. No prefácio da segunda edição da obra mais conhecida desse conjunto – *O Barão de Lavos* (1891) – o autor explicita que esse projeto de estudo “patológico” possui alguns pilares: “De três sortes de faculdades, apenas, depende a solução do problema da nossa vida: – faculdades de sentimento, de pensamento e de ação” e acrescenta que “O predomínio, porém, de qualquer dessas faculdades, no doseamento dum carácter, origina desequilíbrios, aberrações e anormalismos patológicos, os quais fazem o objeto dos estudos desta minha série de romances” (BOTELHO, 1898 apud ALMEIDA, 1979, p. 10). Outras obras integrantes da “Patologia Social” são: *O Barão de Lavos* (1891), *O Livro de Alda* (1898), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910). Em cada uma das obras, portanto, há o predomínio de uma patologia a ser retratada.

Cabe-nos apresentar o uso do termo “patologia”, que, segundo Hegenberg (1998), passa por diversas transformações desde a antiguidade, e no século XIX foi entendido como “desvio com respeito à normalidade” (p. 28). Entretanto, como estabelecer um índice de normalidade? Como meio de contornar esse índice os “clínicos adotaram a ideia de impedimento: antes de asseverar que um desvio em relação ao normal corresponde a uma doença, algum tipo de limitação física ou de limitação das capacidades de atuação social deve manifestar-se” (HEGENBERG, 1998, p. 28). Sendo assim, sobre as “capacidades de atuação social”, podemos interpretar que o critério utilizado para “diagnosticar” uma doença, em muitos casos, era moral. A convergência entre a moralidade, a medicina e a literatura é explicitada por Santana (2007); segundo a autora, “O naturalismo literário emerge precisamente na fase mais triunfante da medicina francesa, ou seja, a da consagração institucional e cultural do paradigma fisiologista” (p. 59). Nesse período, segunda metade do século XIX, o positivismo de Auguste Comte (1798-1857) alcançava grande força e,

segundo a pesquisadora portuguesa, “uma das utopias do positivismo é a do aperfeiçoamento progressivo da humanidade como resultado da educação e da reforma social” (p. 62). Portanto, o romance naturalista, tal como proposto por Émile Zola, tinha para os autores portugueses uma função sociológica, mas também um empenho “cívico, profilático e regenerador que os move, numa atitude professadamente moralista” (p. 79).

O autor português se propõe a apresentar a homossexualidade nos romances *O Barão de Lavos* (1891) e *O Livro de Alda* (1898), respectivamente masculina e feminina, como uma patologia conforme entendida no século XIX. Em *Amanhã* (1901), a análise está voltada para a “exagerada vida mental, raiando a paranoia” (MOISÉS, 1961, p. 24), do personagem principal, o contramestre Mateus. Nesta dissertação procuraremos apresentar uma análise do romance de 1901 que não está, necessariamente, ligada à percepção patológica.

Abel Acácio de Almeida Botelho nasceu na Vila de Tabuaço, distrito de Viseu, província da Beira Alta. A definição da data em que veio ao mundo variou ao longo dos anos e em algumas pesquisas: segundo Saraiva e Lopes (1955), o autor nasceu em setembro de 1856; mas segundo Simone Escobar (2014a), Monique Benoit-Dupuis, em seu artigo “Contribution à la bibliographie d’Abel Acácio de Almeida Botelho” (1977), menciona o dia 23 de setembro de 1855, informação encontrada também no prefácio das *Obras de Abel Botelho* (1979), de Justino Mendes de Almeida; contudo, Escobar aponta que em 2008 o pesquisador Gustavo Monteiro de Almeida publicou, em um *blog*, o assentamento de batismo de Abel Botelho, datado no ano de 1854. O autor, após a morte de seu pai, entra no Real Colégio Militar e nesse período compõe seus primeiros versos iniciando sua carreira literária como poeta, mas alcança maior destaque como cronista e romancista. Sempre atento à arte e à ciência, como aponta Almeida (1979), participou de várias instituições de destaque, como a Sociedade de Geografia de Lisboa, além de, possivelmente, ter colaborado com as reformas pedagógicas do Governo Provisório da República de 1910. Aparece tardiamente como autor naturalista, publicando seu primeiro romance em 1891, inserido numa fase epigonal dessa estética literária.

Ao iniciar este trabalho, deparamo-nos com poucos estudos sobre o romance *Amanhã* (1901). Outras obras de Abel Botelho recebem maior atenção, como os

dois primeiros romances da série, *O Barão de Lavos* (1891) e *O Livro de Alda* (1898), cujas análises utilizam principalmente a perspectiva dos estudos de gênero, como nos trabalhos de Alves (2012), Santos (2012), Mamede (2006) e Soares (2008). As obras seguintes, *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910), assim como o romance objeto de análise desta dissertação, são menos estudadas e carentes de análises mais profundas. Segundo Saraiva e Lopes (1955) “Abel Botelho só sabe dizer o que não quer; os seus raros leitores de hoje é que talvez possam descobrir melhor aquilo com que, sem dar por isso, se ia contentando” (p.953). Dessa forma, somos nós, pesquisadores, os raros leitores de hoje, e pretendemos com esta pesquisa trazer à luz a obra de Abel Botelho. Um possível motivo que influenciou a incompreensão do público no momento em que o romance *Amanhã* veio à tona seria a época de sua publicação em Portugal, que ocorreu em um momento de decadência do romance naturalista. Um outro motivo é que o romance seria um dos poucos exemplares do *roman ouvrier*, que, como aponta Santana (2007), foi um subgênero pouco cultivado entre os leitores portugueses. Por outro lado, de acordo com Gomes (2009, p. 50), o autor do romance teria escrito a obra como uma crítica ao anarquismo, evidenciando a falta de soluções viáveis por esse ideal político, em voga na época. O que pode ser compreendido pela postura do autor, já que “Abel Botelho foi sempre um patriota, uma peculiaridade desenquadrada da índole anarquista ou internacionalista” (GOMES, 2009, p. 51). A percepção política do escritor era outra, pois participou ativamente do movimento republicano, sendo eleito, em 1910, como deputado na Assembleia Constituinte (Cf. GOMES, 2010).

Em busca de analisar a obra *Amanhã* (1901) além da perspectiva patológica, procuramos ao longo desta dissertação de mestrado verificar a construção poética do romance naturalista.

Para Mitterand,

[...] é preciso dizer e redizer que o naturalismo não é somente o *discurso* sobre o real, sobre a ciência, sobre as relações entre a arte e a verdade; são antes de tudo grandes obras romanescas, isto é, *narrativas* em que o imaginário dos escritores e os modelos impostos da estrutura narrativa exercem um papel ao menos tão importante

quanto as concepções teóricas.¹ (MITTERAND, 1987, p. 5, grifos do autor)

É sobre essa perspectiva apresentada por Henri Mitterand que faremos a análise do romance. Levando em consideração a estrutura narrativa, o tempo, espaço e, principalmente, os personagens que por meio de suas interações revelam um Portugal decadente, com a progressiva queda da monarquia e ascensão dos ideais republicanos, acompanhados de movimentos sociais que representavam a insatisfação popular com a crise econômica, em finais do século XIX. Cabe apontar a importância da Geração de 70 e das Conferências do Casino nesse contexto; segundo Santana (2007),

O “espírito” das Conferências, definido pelo ideólogo do grupo, Antero de Quental, consistia em preparar o País para o advento de uma nova era, envolvendo-o na “grande corrente de renovação” que agitava as sociedades e o século. A literatura partilharia com a crítica social, a moral, a política e a ciência um espaço legítimo de reflexão, num vasto processo de reforma das mentalidades. (SANTANA, 2007, p. 92)

No romance é retratada a história de Mateus – participante da mudança de mentalidade portuguesa –, advindo de uma família nobre que, pelas confiscações dos miguelistas e pela abolição dos vínculos, perde tudo, o que causa uma série de dissoluções até que o personagem se torna órfão. É enviado, por um amigo de seu pai, a um colégio religioso, do qual é expulso, por contestar as origens daquela instituição, deixando os padres confusos por sua intelectualidade e grande interesse pela leitura e escrita. Vivendo nas ruas, passa a observar o cotidiano daqueles que, como ele, sofrem pela pobreza e fome. Apesar das dificuldades, entende a importância dos estudos e ingressa na Escola Politécnica, da qual também é expulso após enfrentar, com gritos, o professor de economia. Aproveita esse tempo para se aproximar dos mais necessitados, já com o intuito de agregar pessoas para a revolução que pretende encabeçar em Portugal, com início em Lisboa, cidade na

¹ Tradução de Almeida (2013), do original: “[...] *il faut dire et redire que le naturalisme, ce n’est pas seulement le discours sur le réel, sur la science, sur les rapports entre l’art et la vérité; ce sont avant tout de grande oeuvres romanesques, c’est-à-dire des récits où l’imaginaire des écrivains et les modèles imposés de la structure narrative jouent un rôle au moins aussi important que les conceptions théoriques.*” (MITTERAND, 1987, p. 5)

qual o romance se passa. Devido aos vários contatos, é indicado para uma entrevista na fábrica de tecelagem da família Meireles, onde consegue um bom emprego como contramestre, e uma boa casa – local de mediação entre a burguesia e o proletariado. Conhece, entre os fios e engrenagens, a filha do patrão, Adriana Meireles, por quem demonstrará grande paixão, e com quem compartilhará diversos conflitos. Ao final, após organização de uma revolução por meio de um atentado bombista que ocorrerá durante uma procissão religiosa de grande importância para os portugueses, Mateus suicida-se por não conseguir tomar a decisão entre viver para o amor e uma vida tranquila, com Adriana, ou dar continuidade ao atentado e, conseqüentemente, à revolução política e social.

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “Mateus: percurso social e mítico”, procuramos analisar o personagem principal de *Amanhã*, Mateus, também referenciado pelo seu cargo como contramestre, apresentando sua interação com os ideais políticos anarquistas-socialistas, e seu papel mediador entre duas classes sociais – a burguesia e o proletariado. Além disso, faremos uma análise da construção do discurso do contramestre com outros personagens, compreendendo seu caráter e as variações comportamentais que apresenta diante de diversos membros do grupo.

O autor, como já mencionado, ao mesmo tempo que critica o ideal anarquista, aborda em seu romance uma série de transformações sociais e políticas na realidade lisboeta e portuguesa. Segundo Gomes (2009), “Pela enumeração exaustiva de eventos ocorridos em Lisboa em meados da década de 90, *Amanhã* possui indubitavelmente um imenso e diversificado valor documental” (p. 49). As teorias políticas do anarquismo, socialismo e comunismo desenvolveram-se acompanhando o crescimento industrial. Hobsbawn (2016) questiona: “O que aconteceria, na verdade, se os operários se organizassem politicamente como classe?” (p. 184); e logo responde: “Foi precisamente o que aconteceu, em escala europeia e com extraordinária velocidade. [...] em sua maior parte inspirados na ideologia do socialismo revolucionário.” (p. 184).

Outro ponto de nossa análise é compreender a figura de Mateus como um herói messiânico, que se projeta como uma espécie de “salvador” dos pobres e oprimidos pela nobreza e burguesia. Os ideais revolucionários são importantes para

a constituição do personagem, e é por meio da aplicação das teorias que lê que o contramestre pretende realizar seu intento de viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Em nossa interpretação, o personagem representaria o messias, aquele que seria capaz de integrar política e socialmente toda a Europa, quiçá todo o mundo, sendo uma forma adotada pelo autor de criticar o anarquismo, mostrando-o como inviável para solucionar as intempéries políticas portuguesas, já que o personagem se suicida sem conseguir realizar a revolução.

No segundo capítulo, intitulado “Amor vs Revolução: a presença de Adriana Meireles”, analisamos a relação entre a principal personagem feminina do romance e o contramestre. A presença da mulher nobre é de grande importância para a formação do caráter de Mateus e do enredo. Participante de uma nova geração da elite, Adriana passa a ter uma nova percepção sobre o povo e transita entre os polos da burguesia e do proletariado, mas não de forma ingênua. Ela desperta em Mateus o desejo e a paixão, sentimentos que estão em posição contrária à ideologia defendida pelo herói do romance. Santana (2007) aponta que para Proudhon existe uma “divisão natural das funções entre os sexos” (p. 154), o que ressalta o papel de pouca influência da mulher, pois, segundo o teórico francês, a mulher “não teria atingido a maturidade evolutiva completa” (SANTANA, 2007, p. 323) e seria fraca intelectualmente. O papel de pouca influência ocorre somente diante dos outros membros da família Meireles, pois junto ao contramestre, apesar de inicialmente contrariado, ela encontra apoio para a ideia de construir uma creche junto à fábrica, o que para nós representa uma nova percepção burguesa sobre o proletariado, baseada em uma consciência religiosa e no princípio da caridade. Outro ponto de análise deste capítulo é a releitura que o autor faz das convenções românticas utilizando a ironia, ao descrever os encontros e o comportamento dos personagens.

No terceiro capítulo, intitulado “O contramestre e o mineiro: uma análise comparada dos romances *Amanhã* e *Germinal*”, apresentamos alguns pontos de convergência/divergência na construção dos personagens principais de cada obra, respectivamente, portuguesa e francesa. Étienne, personagem principal do romance *Germinal* (1885), de Émile Zola, chega a Montsou ao acaso e arruma um emprego como mineiro. Na mesma vila passa a morar numa pensão, onde conhece Rasseneur, coordenador da pensão, e Suvarin, seu vizinho de quarto; junto aos dois personagens o forasteiro inicia o contato com novas ideias políticas – anarquismo,

comunismo, socialismo – em extensa disseminação no último quarto do século XIX. No romance português, publicado 16 anos depois, Mateus chega a Lisboa, demora a encontrar um emprego que o aceite por seu posicionamento político, mas o consegue em uma fábrica de tecelagem pertencente à família Meireles. O contramestre mora em uma pensão, onde conhece Azinhal, Gomes e Anacoreta, homens que o influenciam na reflexão das ideias políticas, mas não o iniciam nesse conhecimento. É possível identificar que a maturidade política e intelectual do personagem português é mais densa que a do francês, e isso ocorre devido ao momento de disseminação das ideias políticas. A história do romance *Germinal* se passa por volta de 1870 e, como aponta Borges (2016), *O Capital* (1867) foi traduzido para o francês em 1875, e o *Manifesto Comunista* (1848), traduzido para seis línguas entre 1871 e 1873. Ambos os livros de Karl Marx eram lidos por uma minoria, portanto, os trabalhadores precariamente alfabetizados – o caso de Étienne – só tinham acesso a essas ideias por comentadores de língua francesa. Em *Amanhã*, além de Mateus ter sido alfabetizado com maestria, tem um contato maior com livros e ideias, o que é perceptível pela redação que escreve em sua passagem pela escola monasterial, e a extensa biblioteca libertária que possui em seu quarto.

Neste último capítulo da dissertação nos baseamos nas teorias dos estudos comparados mais recentes, de Carvalhal (2006) e Santiago (2000), que rejeitam a perspectiva dos estudos de fontes e influências.

Assim sendo, é nosso objetivo apresentar uma análise detalhada de Mateus e suas interações com outros personagens, a fim de compreender a construção de seu caráter e a representação das classes sociais. Em nossa análise procuraremos ressaltar o trabalho literário e estético de Abel Botelho, contribuindo para o enriquecimento da fortuna crítica sobre esse autor, tão pouco estudado e desconhecido do público leitor atual.

2. MATEUS: PERCURSO SOCIAL E MÍTICO

No romance *Amanhã*, de Abel Botelho, o personagem principal é Mateus, também citado pela denominação de seu cargo como “contramestre” em uma fábrica de tecelagem. Sua vida tem início na nobreza portuguesa, pois “era filho dum grande proprietário do Alto Douro” (BOTELHO, 1982, p. 178), e morava na “casa do morgado de Ventoselo, garrida e vermelha” (BOTELHO, 1982, p. 178). Toda a sua família vivia bem até o pai, grande proprietário e produtor de vinhos, começar a perder as suas propriedades devido às mudanças políticas ocorridas em Portugal na primeira metade do século XIX, sobretudo a abolição dos vínculos e as confiscações por parte dos miguelistas, que o acabam levando à falência. A ruína da família foi inevitável, a mãe “tinha morrido de desgosto, entrevadinha e idiota na sua cama, onde não fazia mais volume que um graveto seco” (BOTELHO, 1982, p. 180), seu irmão partira para o Brasil e não se teve mais notícia, e o destino do pai não é explicitado no romance, mas entende-se pelo trecho “quando o pai faltou também” (BOTELHO, 1982, p. 180) que ele morreu. Devido à série de trágicos acontecimentos ainda na infância do personagem, “sucedeu que o espírito impressivo e ávido do Mateus se abriu à compreensão num envenenado ambiente de desenganos e tristezas” (BOTELHO, 1982, p. 179), além de ter se instalado “na substância mesma do seu ser um arreigado gérmen pessimista, um instintivo ódio mesclado de desprezo por todas as fórmulas e convenções sociais.” (BOTELHO, 1982, p. 179).

A introdução da vida de Mateus seria o ponto crucial do romance ao ser analisado de uma perspectiva determinista. Todos os acontecimentos posteriores estariam comprovando a degenerescência humana², dada a decadência da família nobre, e os efeitos dessa perda no cerne do personagem que influenciariam nas suas escolhas políticas e sociais. O determinismo é uma característica do romance naturalista e o conceito é teorizado por Émile Zola em *O romance experimental e o naturalismo no teatro* (1979), da seguinte forma:

² Segundo Santana (2007), “os historiadores e romancistas tornam-se os principais intérpretes da decadência civilizacional. Todos eles se apoiaram nas teorias científicas para construir uma síndrome de crise com uma dimensão essencialmente cultural. Isso mesmo defende Daniel Pick, ao afirmar que o conceito de degenerescência deve ser entendido como uma produção ideológica e, como tal, irredutível ao contexto científico em que surgiu.” (SANTANA, 2007, p. 286-287)

[...] o romancista é feito de um observador e um experimentador. Nele [o romance], o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. (ZOLA, 1979, p. 31)

Em outro momento Émile Zola (1979) direciona aos romancistas naturalistas:

Assim sendo, quando em nossos romances fazemos experiências sobre uma ferida grave que envenena a sociedade, procedemos como o médico experimentador: tentamos encontrar o determinismo simples inicial, para chegar depois ao determinismo complexo cuja ação ocorreu em seguida. (ZOLA, 1979, p. 51)

No romance *Amanhã* podemos associar que o “determinismo simples inicial” ocorre pela perda traumática dos membros familiares de Mateus e pela decadência do *status* de sua família. Para Santana (2007) “a menção dos antecedentes hereditários não passa muitas vezes de uma marca retórica, uma forma ingênua de imprimir ao romance um efeito de cientificidade” (p. 277). A pesquisadora portuguesa acrescenta:

Os romancistas portugueses não quiseram ou não souberam explorar as virtualidades dramáticas e alegóricas desta temática [...] A principal razão será a fraca expressão, entre nós, do romance de família. Nos nossos romances naturalistas, não faltam, é certo, referências explícitas à hereditariedade. Todavia, essas referências limitam-se a introduzir na estrutura diegética elementos de previsibilidade. A ficha genealógica aparece normalmente integrada na habitual analepse, onde se descreve a infância e educação dos protagonistas. Na gênese de um herói fraco ou de uma heroína hipersensível há quase sempre um desencontro de temperamento dos pais, uma linhagem fruste, ou ainda a memória de um antepassado louco ou vicioso. (SANTANA, 2007, p. 277)

A partir daí, nesta dissertação de Mestrado não nos cabe dizer que o romance *Amanhã* não é um romance naturalista, dada a intenção do autor em sua produção,

mencionada no prefácio da segunda edição de *O Barão de Lavos* anteriormente citado, mas sim apresentar por meio da análise dos personagens o que há de “poética da personagem baseada no determinismo” (SANTANA, 2007, p. 276), procurando mostrar que, para além do determinismo, há também outras questões que norteiam as ações do personagem.

Retomando a história de Mateus, após a perda de todos os membros da família “um antigo sócio e amigo de seu pai, do Porto, mandou ir o pequenino órfão, que ficara sem nada, sem ninguém no mundo, e arranhou-lhe admissão no colégio do padre Siks, a Cedofeita” (BOTELHO, 1982, p. 180). Nessa instituição de ensino religiosa, Mateus “Só amava a solidão. Nos dormitórios, nas salas de estudo conservava sistematicamente o silêncio; nas horas de recreio procurava o inalterável abrigo da sombra.” (BOTELHO, 1982, p. 180). A característica reclusa e impetuosa do personagem pode ser atribuída, conforme a perspectiva determinista já apresentada, o que levará ao seu fim trágico. No período em que Mateus vive no internato, encontramos várias cenas em que o personagem questiona as situações que o rodeiam, como ocorre no terceiro ano escolar, quando, na aula de história, deram-lhe como atividade escrever uma dissertação sobre a história da Companhia de Jesus, episódio no qual encontramos a seguinte reação de Mateus:

Mateus não pôde esquivar-se à generosa cólera do seu coração, às sugestivas fulminações do seu espírito. Com uma admirável coragem, com uma sinceridade absoluta, parecendo até que vivamente rejubilando de poder dar vazão por esta válvula, que tão a propósito lhe aparecia, à demolidora febre que o trabalhava, ele escreveu uma longa tese, fidelíssimo traslado do seu sentir [...]. (BOTELHO, 1982, p. 180-181)

No excerto acima está disposto o primeiro momento em que o personagem estaria expondo suas frustrações ao mundo, e o narrador procura deixar clara a exposição exacerbada da “cólera do seu coração” e as “sugestivas fulminações do seu espírito”, o que justificaria o posicionamento questionador do personagem diante de uma sociedade conservadora em finais do século XIX como uma patologia. Esse seria o primeiro indício da “superior degenerescência de Mateus, figura soberba de homem agitado por altas ideias de justiça e paz social” com “exagerada vida mental, raiando a paranóia” (MOISÉS, 1961, p. 23-24). Entendemos que a contestação não

é necessariamente uma patologia, mas contestar a instituição religiosa tão presente em Portugal, como fará Mateus, era algo repugnante para a moral vigente no século XIX.

Em seu trabalho escolar Mateus se propunha demonstrar, nas palavras do personagem,

Que a *Companhia*, obra de um místico sonho de Loiola, breve deturpara por completo os fins da sua instituição. Loiola imaginara os seus adeptos como os primitivos companheiros de Jesus, pobres, humildes, alheios ao interesse, tendo por único ideal e exclusivo estímulo a santa alegria de levarem a toda a parte a amorosa doutrina do Divino Mestre. Mas com o andar dos tempos todo esse adorável programa altruísta se adulterou, se corrompeu... Os que deviam ser evangelizadores do Bem converteram-se em apóstolos do Mal, e pela manha, pelo perjúrio e pela intriga foram conseguindo arrepanhar fortunas enormes, fundando dentro dos Estados constituídos verdadeiros estados de usurpação. E, para isto, o seu caminho era simples: suspender o progresso, imobilizar o espírito humano, estreitar o campo às consciências e atenuar as luzes da ciência, refugando-a cuidadosamente par ao vago, por forma que a humanidade intelectualmente se imobilizasse rastejando num cômodo crepúsculo invariável. (BOTELHO, 1982, p. 180-181, grifo do autor)

Na idade de 14 anos, pelo conteúdo de sua dissertação, chamou a atenção dos professores não “só [pela] audácia, o infantil desejo das proposições; mas tamanha soma de conhecimentos, em tão escassos anos assimilados.” (BOTELHO, 1982, p. 183). Os padres, porém, começam a questionar:

Como se obtivera aquele prodígio? Quem lhe arranjava tão maus livros? Por que sobrenatural poder alcançara semelhante fedelho tamanha soma de erudição? Aquelas lúcidas sínteses de critério, aquela lapidar segurança no dizer? Pareciam artes do diabo... Porque, para mais, ninguém, ao vê-lo, poderia nem de leve imaginar que um ente assim miudinho e tímido pudesse deflagrar em heréticos ímpetos, que naquele pautado e melindroso cérebro escachoasse um vulcão de blasfêmias. E sinceramente estas considerações desconcertavam-nos. Desde o começo que os arditos embaidores, em Mateus fariscando um espírito disciplinado e uma rara inteligência, dele haviam planeado fazer, moldando-o a preceito, mais um subtil e manso cooperador. Mas estas últimas manifestações do garotaço ameaçavam frustrar-lhes o intento.

Pretendiam fazer dele um neófito, saía-lhes um demolidor. (BOTELHO, 1982, p. 183)

Pelo interesse dos padres em manter Mateus na carreira religiosa lhe é dada a segunda chance para a escrita da redação. Entretanto, o personagem não estava disposto a lidar com a imposição da fé pela hipocrisia clerical.

Em seu segundo texto, o personagem foi mais incisivo em sua crítica, acarretando-lhe a punição de ficar recluso apenas a pão e água. Seguindo as regras da escola e das convenções sociais, Mateus não poderia ter exposto seus pensamentos, tampouco argumentá-los, como o fez em suas dissertações, pois estaria sendo grosseiro com aqueles que o sustentam lhe dando alimento e, supostamente, educação, além de desafiar o poder vigente, representado pela hierarquia eclesiástica.

Após o ocorrido da punição na escola, com apenas 14 anos, Mateus foge e começa "uma torturada vida de acaso, uma sombria e infernal odisséia de azares, de privações" (BOTELHO, 1982, p. 184), escolhendo estar a mercê da sociedade, aceitando os trabalhos mais desgastantes, estando ao jugo das imposições sociais e morais. Agora sua preocupação era a de "fazer-se homem" (BOTELHO, 1982, p. 185) e "A precisão fê-lo reflexivo; cedo as dificuldades materiais da vida o encarrilharam na linha do Dever. Foi a mesma dureza da sua condição que lhe temperou o caráter." (BOTELHO, 1982, p. 185). Ao fazer-se homem, tornou-se necessário, para Mateus, maior entendimento sobre a organização institucional e social na qual estava inserido. Chamamos a atenção à palavra "dever" estar com a primeira letra maiúscula; em nossa interpretação, a palavra está sendo utilizada como sinônimo de trabalho, pois era esse, inevitavelmente, o caminho dos órfãos em Portugal.

Irene Vaquinhas (2011) aponta:

Os "enjeitados", assim chamados na gíria popular, "têm por mãe a lei, por carinhos os deveres do Código, por afagos a caridade oficial", como se escrevia na *Gazeta da Figueira* de 25 de Dezembro de 1901, acrescentando-se sobre o seu viver quotidiano: "é o enjeitado que vai à lenha no Inverno, que vai à fonte quando chove, que guarda as ovelhas no monte quando a neve cai ou o calor aperta, que na casa se levanta mais cedo, que se deita mais tarde, que avia os recados, que faz os mandados, que tem sempre que fazer e come

o pior bocado”. Este texto deixa subentender que [...] a partir dos sete ou doze anos de idade, ingressavam no mercado de trabalho, como criados de servir ou aprendizes, sendo-lhes entregues os trabalhos mais pesados e as remunerações mais baixas. (VAQUINHAS, 2011, p. 134-135)

Ao sair da escola religiosa Mateus estava fazendo uma escolha, ou seja, o seu futuro não estava determinado. Se o personagem tivesse certo desejo de ascensão social, ele teria vivenciado a vida monástica, pois “ainda que significasse alguns sacrifícios, também era sinônimo de acolhimento, boa alimentação e tranquilidade.” (SILVA, 2011, p. 411). Além disso, naquele espaço religioso o personagem também teria contato frequente com os estudos.

Após abandonar a escola, portanto, estando mais uma vez só,

cresceu e se formou, de reigota sempre contra o destino, como um titânico remador, e por cada novo triunfo mais e mais aziumado o coração dum grande travo de amargura. Assim impubesceu, sem desfalências e sem risos, sem distrações sensuais, olhando sempre alto e na frente, na mais infantil e cândida despreocupação do amor. Fez-se à custa de muita dor represa de muita lágrima chorada a cristalização estóica da sua alma. E daí lhe veio essa atenção particular pelos quadros de miséria, a sua grande curiosidade enternecida pelos que sofriam, a sua fúria iconoclasta pelas iniquidades sociais. (BOTELHO, 1982, p. 185)

No trecho acima, o narrador procura explicar a influência do passado de perdas familiares de Mateus, e também de sua escolha ao fugir do colégio Cedofeita, para a formação da sua “curiosidade enternecida pelos que sofriam” e “a sua fúria iconoclasta pelas iniquidades sociais”. Compreende-se, também, que a curiosidade do personagem ocorre como forma de se afastar de certas convenções impostas pela sociedade, dispostas pelo capitalismo, em que a felicidade é definida pelo sucesso financeiro, no caso, a ascensão burguesa. Silva (2011) aponta que

No século XIX, ao mesmo tempo em que, por força do capitalismo industrial e financeiro, o dinheiro se tornava, cada vez mais, um relevante critério de distinção e afirmação social, o acesso à educação, em especial, ao ensino superior, tornar-se-ia também num fator de convergência e de aproximação entre as emergentes

burguesias e as decadentes elites aristocráticas. (SILVA, 2011, p. 407)

Após o personagem reconhecer que a sociedade exigia dele uma formação para o trabalho, matriculou-se na Escola Politécnica e estudava por conta própria, na biblioteca, ou em sua casa. Nessa época, hospedava-se em uma casa na Rua da Glória “a três tostões por dia, cama e comer” (BOTELHO, 1982, p. 185). Nesse local, Mateus conhece alguns colegas e pelo contato com esses homens que ocorrerá o aprofundamento teórico do contramestre sobre os ideais anarquistas, socialistas e comunistas. Na Escola Politécnica, durante uma das aulas de Economia Política, Mateus improvisa uma apresentação contra as desigualdades e opressões do regime social, citando a obra *O Capital* (1867), de Karl Marx; ao longo da fala do personagem o professor tenta por várias vezes interrompê-lo, mas recebe de Mateus o seguinte brado como resposta: que o professor estaria “vendido também à burguesia” (BOTELHO, 1982, p. 187). Após o ocorrido foi expulso por um ano e “julgou incompatível com a sua dignidade a Escola, deixou definitivamente os estudos oficiais.” (BOTELHO, 1982, p. 187). A postura soberba e intransigente se confunde com a sua postura caridosa e flexível, como quando resolveu “se aproximar mais dos humildes, para depois os comocionar, identificar-se primeiro com eles.” (BOTELHO, 1982, p. 188).

Apesar de o romance naturalista ter como base o narrador observador, portanto, impessoal, percebe-se que, como afirma Santana (2007), o narrador “não adere à ideologia subversiva do contramestre” (p. 229), ou seja, não há uma adesão ao projeto de transformação social por meio da revolução proletária.

Em finais do século XIX, a difusão do anarco-sindicalismo é intensa em Portugal. Segundo Freire (1987), a autoaprendizagem era uma característica do sindicato libertário, pois “os seus animadores acreditavam nas virtualidades do conhecimento e no aperfeiçoamento das pessoas. A teoria dominante entre eles era de que o ‘meio’ social determinava inexoravelmente as condutas individuais” (p. 22-23), portanto, era importante a criação de espaços para a disseminação artística, cultural e literária.

O que já foi exposto sobre a vida de Mateus demonstra que sua infância e adolescência foram marcadas pela orfandade e o amadurecimento prematuro e que, desde muito cedo, estava envolvido com o desconforto de um grupo social

marginalizado, a princípio entre os órfãos e, em seguida, entre o proletariado. Há uma insistência narrativa, como será visto outras vezes ao longo desta dissertação, em posicionar grande parte das decisões de Mateus em um quadro de surto psicótico, ou de intransigência; isso ocorre dada a intenção inicial de Abel Botelho de construir em seu romance um retrato sobre a crise social como uma patologia.

Por estar em contato frequente com o proletariado, e pela inconformidade com a situação dos indivíduos marginalizados, Mateus procurou participar ativamente da engrenagem de transmissão dos ideais políticos socialistas, anarquistas e comunistas, correspondendo-se diretamente com diretores de jornais como o *Combattiamo*³, *Révolté*⁴, *Avanti!*⁵, além de trocar cartas com Carlo Cafiero⁶, amigo de Bakunin, Tolstói e Reclus. Com grande esforço construiu um arcabouço teórico, em seu quarto:

Acumulava-se ali [nas estantes de Mateus], sob o ponto de vista libertário, uma rica biblioteca profissional. Subsídios e livros de toda a ordem, quase todos clássicos. Uns teóricos, tais: *O Socialismo Integral*, de Benoit Malon, *A Definição do Crime*, de Hamon, esse fascinativo breviário de revelações que é *Os Bastidores do Anarquismo*, de Flor O'Squarr, de Carlo Malato a *Filosofia da Anarquia, Da Comuna à Anarquia*; e entre eles alguns recentíssimos, como *O Anarquismo*, de António de Serpa, e a *Psicologia do Anarquista Socialista*, a derradeira obra, daquele mesmo ano, de Hamon. Outros falando de preferência à imaginação, ou de acentuado sabor prático, sugerindo resoluções e esboçando programas, como: as duas brochuras célebres de Kropotkine, *A Moral Anarquista* e *Um sonho de Ansiedade*, de Jean Grave *A Sociedade Futura*, as *Páginas Rubras*, de Sévérine, *A Conquista do Pão*, de Reclus. E mais se liam dessas duas terríficas estantes, vingadoramente enfileirados, entre outros, os nomes de Rudolph Meyer, Liebknecht, Proudhon, Naquet, Max Stirner, Molinari, Léon Say; e havia, soltas, colecções de processos de fama, os anais da *Mão Negra*, sanguinariamente garrotada pelo Governo espanhol, programas impressos de várias associações secretas, proclamações, opúsculos; em suma, um curso perfeito de iniciação, o foral completo

³ O tempo de publicação e o formato do *Combattiamo* podem ser encontrados na Biblioteca Universitária de Genova, no seguinte link: <https://bettini.ficcdl.info/article90.html>

⁴ O jornal pode ser acessado na *Bibliothèque Nationale de France*: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb34359890n/>. E no *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* (CIRA): https://www.cira.ch/catalogue/index.php?lvl=notice_display&id=200917

⁵ O jornal foi publicado por um século, até 1993, e na *Biblioteca del Senato* é possível acessar todas as edições, desde 1893, digitalizadas: <https://avanti.senato.it/avanti/controller.php?page=archivio-pubblicazione>

⁶ Carlo Cafiero foi um importante nome na disseminação das ideias anarquistas na Itália. Iniciou sua vida política em consonância com os ideais d' *O Capital*, de Marx, mas posteriormente rompe com essa teoria para se pôr ao lado de Bakunin na defesa do anarquismo.

da doutrina comunista-anarquista, trazida desde a origem na sua evolução vertiginosa – estremecido tesouro que o Mateus, durante anos, sistematicamente amontoara, com uma paciência, uma isenção e uma porfia inarráveis, tirando muitas vezes ao vestuário e ao sustento para poder acrescentá-lo. (BOTELHO, 1982, p. 193-194, grifos do autor).

Com essa grande quantidade de leituras, Mateus inicia um processo de relacionar o que vê e vivencia junto à massa proletária, com as teorias que propõem mudanças sociais que beneficiariam o grupo do qual faz parte. É com esse conjunto de conhecimentos e reflexões que o personagem propõe reuniões onde expõe aos menos instruídos os ideais anarco-socialistas e anarco-sindicalistas, com a pretensão de organizar uma possível revolução. O narrador, como forma de justificar um dos interesses do personagem, compara-o com Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921): “juntava-se ao simpatismo do seu ideal comum a analogia estrutural de suas almas” (BOTELHO, 1982, p. 175); em outro trecho, afirma que “Mateus era pois, como Kropotkine, fundamentalmente um apaixonado” (BOTELHO, 1982, p. 175). Convém apontar que a introdução do anarquismo em Portugal ocorreu, segundo Mónica (1987), por Eduardo Maia, um médico conhecido que, em 1879, após ter lido Kropotkin, declarava-se anarquista. Além disso, Mateus é apontado como o “arreatado sucessor de Bakunin, na direção espiritual do partido” (BOTELHO, 1982, p. 175). Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876), ao se distanciar da Primeira Internacional, organizada por Karl Marx, defende a revolução violenta e dá início à doutrina anarquista, ao passo que Kropotkin, seu leitor, foi um propagandista da educação libertária. Assim, interpretamos que o personagem do contramestre vai sendo construído pela comparação com outras figuras conhecidas, principalmente pela representatividade teórica anarquista, colocando-os no mesmo patamar de influência: Bakunin como fundador do anarquismo revolucionário; Kropotkin como disseminador dos ideais teóricos do anarquismo; e Mateus como o representante de maior influência, tanto revolucionária, quanto educacional, em Portugal.

A escolha de um personagem, com a profissão de contramestre, para líder revolucionário não é arbitrária, mas expõe um aspecto da transformação industrial ao longo do século XIX.

Segundo Hobsbawn (2016),

Na medida em que a indústria crescia ainda por uma espécie de casamento entre a destreza manual e a tecnologia a vapor, ou – como no caso da construção – não mudara realmente seus métodos, a demanda visava a antigas especialidades de ofício, ou especialidades adaptadas das antigas artesanias, como os dos ferreiros e serralheiros, para novas indústrias de maquinaria. Isto era expressivo, pois os treinados trabalhadores diaristas de ofício – um grupo estabelecido de assalariados pré-industriais – formavam frequentemente o elemento mais ativo, instruído e autoconfiante do proletariado em desenvolvimento das economias principais: o líder do Partido Social-Democrata era um torneiro (August Bebel) e o do Partido Socialista Espanhol, um tipógrafo (Iglesias). (HOBBSAWN, 2016, p. 181)

Em *Amanhã*, o líder dos trabalhadores será Mateus, que dará início ao seu desejo de organização revolucionária ao ser admitido como contramestre em uma fábrica de fundição, onde enxergou a inevitável possibilidade de despertar o proletariado,

para inflamar-lhes o coração e polarizar-lhes, inflexíveis e altos ao direito caminho, os olhos, já não precisaria de andar caçando-os a espaços, em furtadas maquinações, como um facínora. Nada, agora tê-los-ia sempre ali assim, prontos e unidos, tão obedientes às suas ordens como ávidos dos seus conselhos. E nesta ordem de ideias logo tratou de lidar sem precaução, de tramar sem descanso. (BOTELHO, 1982, p. 188)

A dedicação do contramestre na divulgação de propagandas libertárias, e no compartilhamento de jornais subversivos vindos do estrangeiro, chamou a atenção do patrão de forma negativa: “tido evidentemente por um homem perigoso, foi despedido; e ainda deveu ao ânimo suave e tolerante do patrão não o ter denunciado à polícia.” (BOTELHO, 1982, p. 189). A disseminação do ideal político socialista e anarquista durante o século XIX, segundo Hobsbawn (2016), foi uma poderosa maneira de unificar as massas “até então desprezadas por quase todas as instituições, exceto por seus exploradores e por aqueles que as aconselhavam a se manter silenciosas e obedientes” (p. 196), criando certa rivalidade entre os “socialistas” e “anarquistas”, grupo composto pelos inúmeros funcionários de

diversas áreas, e os “capitalistas”, grupo composto pelos patrões, como os de Mateus, aliado à instituição religiosa. Por outro lado, cabe ressaltar que o socialismo se difere do anarquismo, pois o primeiro propõe uma reforma gradual e pacífica, enquanto o segundo propõe uma reforma revolucionária e radical; em Portugal, o conflito entre ambos os ideais foi intenso, e ao final predominou o anarquismo.

O ideal revolucionário motiva Mateus de tal forma que estaria disposto a sacrificar seu bem-estar, o emprego, por um propósito transformador. Após a última demissão, Mateus fez da propaganda anárquica “o seu alimento essencial” (BOTELHO, 1982, p. 189), importava-lhe ter mais um adepto para o movimento operário, ao ter algo para comer, anunciando a toda população sua pretensão transformadora. Em meio a tantas pessoas, Mateus descobre que uma fábrica do Almargem, localizada em Xabregas, precisava de um contramestre. Jorge Meireles, o filho do dono, “simpatizou com o seu modo rasgado, aberto; apreciou-lhe a sólida cultura intelectual, tão rara em homens daquela condição” (BOTELHO, 1982, p. 189), e Mateus foi admitido sem a conferência de seus antecedentes. A postura soberba do personagem não é sem motivo: em retrospectiva, podemos destacar a cena em que é considerado um garoto prodígio, recebendo uma segunda chance de produzir sua redação; também há o momento em que julga a escola incompatível com sua dignidade, pois não ensinava aquilo que para ele seria essencial; neste momento de contratação, novamente a intelectualidade lhe é elogiada e se torna um fator decisivo, pois é na fábrica que desenvolve seu projeto revolucionário, e encontra a mulher que o desestabiliza. Em todos os casos dispostos, Mateus está consciente da sua superioridade intelectual diante dos outros operários e, como veremos adiante, utilizará disso para convertê-los ao seu propósito.

Trabalhando na fábrica tecelã dos Meireles, e em melhores condições financeiras, é que Mateus começa a construção do seu arcabouço teórico, apresentado anteriormente, e com a grande quantidade de leituras e reflexões produz um artigo intitulado “Il Socialismo in Portugallo”, publicado num dos jornais italianos que ele lia. Nesse artigo, o personagem

[...] fazia o primeiro registro da atual desorganização e impotência do partido republicano português, passando-se depois à breve resenha apoteótica da grande coesão e solidariedade da vida, do pensamento

operário entre nós, “um verdadeiro mundo em formação”. Aí se aludia, justificando-o por números, ao extraordinário desenvolvimento da organização cooperativista do quarto estado, impositivo e florescente por via da sólida rede das suas federações locais, com especialidade em Lisboa, Porto, Tomar e mais alguns pequenos centros de indústria. Enaltecia-se também o papel dirigente e ponderador, a brida centrípeta que nesta organização sindical verdadeiramente admirável, afeiçoada pelos grandes modelos belgas, representa a *Confederação Nacional das Associações de Classe*, a qual, só na capital, alimenta e dirige cinquenta e quatro sindicatos de artes e ofícios, contando para mais de trinta mil sócios. Depois, conseqüentemente, e sempre com a prova irrefutável dos números, explanava-se e encarecia-se a significação, a importância, a força de agremiações como a *Resistente*, a *Indústria Social*, a *Federação*, a *Lusitana* com o seu largo giro de capitais e os seus cinco mil sócios, a *Libertadora*, com a sua expressiva divisa – UNIDOS TEREMOS O PÃO BARATO; e muito logicamente terminava o artigo por enaltecer a benemérita função social de *A Voz do Operário*⁷, sociedade de instrução e beneficência que subsidia e mantém uma biblioteca, uma tipografia e escolas próprias, e cujo popularíssimo jornal, a um vintém de assinatura por semana, com a sua tiragem de trinta mil exemplares e o seu programa a um tempo sensato e enérgico, prudente e radical, constitui hoje em Portugal “uma espantosa força ignorada, o grande traço de união moral da simbiose operária portuguesa”. (BOTELHO, 1982, p. 190-191, grifos do autor)

Com a publicação do artigo o personagem regozija de alegria, e agora pode apresentar aos outros operários sua importância intelectual no movimento libertário. Novamente o narrador coloca o personagem de Mateus em uma posição de grande importância para a implantação do anarquismo lusitano. Sendo assim, a aparência é algo primordial no personagem de Mateus, que está diante dos operários e almeja ser um exemplo. O narrador descreve a percepção dos trabalhadores sobre o contramestre em sua primeira fala em uma das reuniões clandestinas:

À primeira vista, encantava... Tinha o ar, a um tempo, humilde e dominador, imperioso e tímido. O seu longo perfil semita, energeticamente vincado da coroa do frontal ao mento acusava a tenacidade, dava bem eloquente o síndrome desta forma absorvente do querer, capaz ela só de arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no aferro a uma ideia. Cabelo castanho, olhos negros, e na base das narinas fumegantes a branda carícia dum bigode algodoado e fino, imperceptível quase. Atrigada e sem brilho, tinha a sua pele essa inalterável cor de marfim velho, que

⁷A *Voz do Operário* existe até hoje, e sua história está documentada em: <http://www.avozdooperario.pt/index.php/a-voz-do-operario/historia>

nos países do sol caracteriza os temperamentos fortes. A regularidade de linhas do rosto, a expressão ingênua e simples, o gesto comedido, reboçavam de concerto o fogoso agitador, a um exame superficial mostravam Mateus como sendo a mais pacífica e angelical das criaturas; mas o que quer que era de voluntarioso e arrogante chispava a espaços nos seus olhos, e imperceptíveis carfologias de impaciência corriam-lhe de relance nos dedos trêmulos. Aquela mesma docilidade aparente não era senão o meio, tão suave como eficaz, de ele solidamente cimentar a sua vontade à custa do mínimo atrito sobre a vontade alheia. (BOTELHO, 1982, p. 42)

No trecho citado, os traços fisionômicos de Mateus confluem com traços de sua personalidade, uma característica típica do naturalismo. Durante a segunda metade do século XIX era comum que algumas teorias, como a proposta por Cesare Lombroso em sua obra *O Homem Delinquente* (1876), associassem os traços fisionômicos de uma pessoa a um comportamento criminoso. Como, por exemplo, o perfil semita com nariz adunco que seria o suficiente para “arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no aferro a uma ideia.” (BOTELHO, 1982, p. 42). A cor de sua pele, “essa inalterável cor de marfim velho, que nos países do sol caracteriza os temperamentos fortes” (BOTELHO, 1982, p. 42), também é apontada como um ponto de constituição da personalidade do contramestre, além de apresentar sua ancestralidade ao mencionar “os países do sol”. Em uma análise superficial de sua personalidade, Mateus era considerado “como sendo a mais pacífica e angelical das criaturas” (BOTELHO, 1982, p. 42), mas em uma análise mais acurada seus olhos trêmulos e suas imperceptíveis contrações involuntárias nos dedos denunciavam sua impaciência. A postura de Mateus é calculista e um meio para conquistar e “cimentar a sua vontade à custa do mínimo atrito sobre a vontade alheia.” (BOTELHO, 1982, p. 42).

Na descrição apresentada, podemos verificar que a maneira do contramestre apresentar-se aos operários é muito próxima e humilde, o que fica evidenciado pela sua fala na reunião clandestina: “– Devo começar por lhes dizer que não me traz a este lugar nenhuma sorte de ambição... Nem viso a que falem de mim nos jornais, nem pretendo engrandecer-me.” (BOTELHO, 1982, p. 43). Ao ser retrucado pelo operário Manaio que, “num dar de ombros incrédulo”, responde “ – É a cantiga de todos!” (BOTELHO, 1982, p. 43), Mateus continua seu discurso e se justifica:

Traz-me aqui... mal parece eu dizê-lo, mas é a verdade! – e ao dizer, o Mateus, dobrando o braço, arrancava do peito a murro inflexões convictas – traz-me aqui o cuidado, o amor pelo vosso bem-estar... esta febre, esta ralé, esta ânsia constante por libertar os eternamente explorados, por galvanizar os fracos, por erguer os oprimidos... febre, cuidado e ânsia que tanto dissabor me têm causado... horas negras, noites de pavor, dias de fome! Ao mesmo tempo o tormento e a esperança, o mais fundo espinho e a preocupação essencial da minha vida! (BOTELHO, 1982, p. 43)

Na resposta do contramestre, é possível identificar a dissimulação da vontade do personagem que, segundo o narrador, procura manipular os trabalhadores para que obedeçam aos seus desígnios revolucionários, ainda que diga a eles o contrário. Ressalta-se a construção messiânica do personagem, que anseia “por libertar os eternamente explorados, por galvanizar os fracos, por erguer os oprimidos...” (BOTELHO, 1982, p. 43), mas isso tem de ser feito à custa do sacrifício pessoal, das “horas negras, noites de pavor, dias de fome!” (BOTELHO, 1982, p. 43), a vida cedida a uma causa superior. A análise sobre o messianismo no romance será trabalhada de maneira mais aprofundada em outro momento desta dissertação.

Maria Helena Santana (2007) apresenta que

Maarten van Buuren, um estudioso da obra de Zola, reconstituiu a sua genealogia a partir de tratados médicos, dicionários e outras obras de divulgação. Em síntese, a história dos temperamentos corresponde às sucessivas reinterpretações da teoria dos humores, desenvolvida por Hipócrates e Galeno. Segundo estes, o sistema corporal baseava-se no equilíbrio de quatro fluidos ou humores – sangue, bílis, atrabílis (*melancholos* ou bílis negra) e linfa, ou fleuma. Do balanço humoral de cada indivíduo dependeria o seu temperamento. (SANTANA, 2007, p. 268, grifo da autora)

Estabelecem-se, com base nos “quatro fluidos ou humores”, os arquétipos físicos e psicológicos dos personagens no romance naturalista. Os *sanguíneos* são definidos “pela prevalência das funções de nutrição sobre as de relação. São pessoas coradas, de cabelo castanho, fisionomia alegre e formas arredondadas.” (SANTANA, 2007, p. 269). Os *nervosos*

caracterizam-se pela constituição frágil, a palidez e uma fisionomia expressiva; dotados de inteligência superior, apresentam todos os graus da grandeza e da miséria moral, aliando por vezes a nobreza de caráter à susceptibilidade mesquinha, à crueldade ou à misantropia. Têm violentas oscilações de humor e sofrem de nevroses, histeria, hipocondria ou mesmo de alienação mental. Os seus estados mórbidos – diz-se ainda – são favorecidos pelas excitações da civilização *raffinée*. (SANTANA, 2007, p. 269, grifo da autora)

Os *biliosos*, “devido à acção nefasta do fígado, apresentam pele morena, olhos e cabelos negros, muitos pelos; têm traços fisionómicos marcados, acusando um carácter inteligente e firme; são determinados, ambiciosos e propensos a paixões intensas.” (SANTANA, 2007, p. 269). E os *linfáticos* correspondem geralmente a personagens femininas: “são indivíduos louros, brancos, de olhos azuis e de tecidos moles; manifestam apatia geral, lentidão de movimentos e de decisões. Têm tendência para várias doenças, como o raquitismo, as escrófulas e a tuberculose.” (SANTANA, 2007, p. 270).

Interessa-nos diante destes perfis o *nervoso* e o *bilioso*. Na conjugação deles podemos entender algumas características físicas e psicológicas de Mateus. O longo perfil semita do contramestre, que “acusava a tenacidade, dava bem eloquente o síndrome desta forma absorvente do querer, capaz ela só de arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no aferro a uma ideia” (BOTELHO, 1982, p. 42), pode ser entendido como um desvio do fluido da *bílis*. E as linhas do rosto de Mateus, bem como sua expressão ingênua e simples, e suas “imperceptíveis carfologias de impaciência”, podem ser consideradas como características do desvio no fluido atrabílis, ou no humor *nervoso*. Para Santana (2007), “[...] os temperamentos próprios dos grandes homens são o bilioso e o nervoso, ou a conjugação dos dois. Não por acaso a melancolia aparece associada aos ‘hipertónicos cerebrais’.” (p. 276).

A consciência de Mateus sobre o seu papel mediador entre duas classes sociais distintas e em oposição ocorre simbolicamente. Ao chegar de um encontro na taberna com Zé Pequeno e Fagulha o contramestre adentra em uma casa que fora cedida pelos Meireles, e se debruça na janela, “ficou-se ali assim, as conchas da mão apoiadas no peitoril, enleado, imóvel, considerando meditativo o espaço, oferecendo numa plena volúpia o rosto àquele discreto ósculo perfumado.”

(BOTELHO, 1982, p. 172). Nesse momento, o narrador passa a descrever as percepções do personagem sobre os locais que enxerga de sua morada:

Era o solar do Almargem, ali ciosa, altivamente flanqueado, como por um grave pelotão de alabardeiros, pela cerrada confusão dos caules seculares, e para o topo da colina toucado ainda pela toalha rumorosa e profunda dum grande pinheiral. Lá muito em baixo, à ilhargá mesmo do parque e rente com a rua, ficara a fábrica; e a meia distância entre esta e o palácio, na pequenina clareira que a fita de saibro ladeava, havia Afonso Meireles mandado construir para o jardineiro aquela linda e casquilha habitação, destinada agora a alojamento do contramestre da fábrica; o qual ficava bem ali assim, a meio das duas antagónicas construções, sendo ele intermediário também, o natural intérprete e mediador entre a oligarquia arrogante dos patrões e a aflitiva jolda de miseráveis que em baixo marulhava, convertendo o seu sangue em oiro, cambiando em proveito alheio a própria vida, na sua desvalida condição vítimas ainda dos conspícuos desdéns do comendador e das birrentas esconjuras do padre Sebastião. (BOTELHO, 1982, p. 172)

O local em que Mateus vive é uma representação da sua posição social, sendo ele “o natural intérprete” entre os burgueses e operários, entre as “antagónicas construções” que simbolicamente representam seus usuários. O solar do Almargem é descrito como uma construção imponente, que contém uma história, uma hereditariedade, sendo um local arborizado, com um grande muro que protegeria o castelo como um “grave pelotão de alabardeiros”, no topo da colina, um local de destaque. Já a fábrica está muito lá embaixo, em um local de fácil acesso, próximo ao parque onde convivem os populares e onde os nobres não passeiam. Mitterand (1987) aponta que Phillippe Hamon, em *Le Personnel du roman. Le système des personnages dans “Les Rougon-Macquart” d’Émile Zola* (1983), “opõe-se à interpretação tradicional do espaço como decoração, ou mesmo ao discurso teórico de Zola sobre o espaço-meio, e mostra que o território não está ‘próximo a’, ou ‘ao redor de’, mas que ele constitui o personagem.”⁸ (p. 141, tradução nossa). Sendo assim, no espaço grandioso e importante pela hereditariedade, os nobres e burgueses são o local antiquado em que vivem. No caso operário, analisaremos o excerto abaixo:

⁸ Do original: “dénonçant l’interprétation traditionnelle de l’espace-décor, ou meme le discours théorique de Zola sur l’espace-milieu, montre que le territoire n’est pas ‘à côté’, ou ‘autour’, mais qu’il constitue le personnage.” (MITTERAND, 1987, p. 141)

E o bairro teria a aparência dum deserto, seria como que a necrópole secular, na sua mortalha de névoa acoinchada, de alguma grande civilização extinta, se não fora, no vértice das chaminés, o fumo que começava a jorrar em ralos famulentos, bolsando grossos rolos de treva, isófonos com a rouquenha arfagem da minúscula multidão que em baixo, esparsa em filamentos negros e direita às avinhadas boqueiras, se difundia, formigava e engrossava, orientada às suas sabidas etapas de prazer, numa obsessiva avidez virgulando a terra. (BOTELHO, 1982, p. 198)

O espaço de névoa, trevas, representa os personagens que trabalham nas fábricas sempre sujos, a rotina estressante deles. Complementando a perspectiva apresentada, citamos Santana (2007), que aponta a imagem arquetípica da fábrica-monstro como uma “representação também mitificada e fatalista da condição operária, ou seja, condenada ao devorismo do ‘monstro’ capitalista.” (p. 228). Com base na ideia de Hamon, daremos o nome de espaço-personagem a esse conjunto de descrições que estão intimamente ligadas à construção física e psicológica do personagem. Em outro trecho, após a missa de domingo, momento de descontração do grupo operário, encontramos a seguinte descrição:

E uma grande pacificação, uma voluptuosa inércia sobrenadando... a folhagem imóvel, a luz peneirada, o ar sereno. – Largo e absorvente panorama, que com um pouco mais de luz avivando as arestas das coisas, e o antigo vigor plástico restituído às figuras, seria a viva reprodução duma dessas soberbas telas pagãs que imortalizaram o pincel clássico de Siemiradzki ou de Kaulbach. (BOTELHO, 1982, p. 130)

Além da comparação estética que o narrador faz com as pinturas de Henryk Siemiradzki (1843-1902) e Wilhelm von Kaubach (1805-1874) – artistas que em suas telas representaram figuras da mitologia grega e do novo testamento bíblico – é possível compreender que a essência do homem, da mulher, das crianças, antes da submissão ao trabalho operário é restituída.

Mónica (1987) aponta que,

Embora a doutrina anarquista nunca tenha tido o carácter sistemático do marxismo, quatro pontos eram fundamentais: a hostilidade total ao sistema existente; a convicção de que a única maneira de o

destruir era através de meios económicos, e não políticos, nomeadamente através da greve geral, ou com bombas; a ideia de que a sociedade futura seria organizada com base em unidades económicas locais, dirigidas pelos próprios produtores; o ódio aos padres, responsáveis na sua opinião, pela manutenção do povo num estado de sujeição próximo da escravatura. (MÓNICA, 1987, p. 12)

No trecho acima estão dispostos quatro pontos fundamentais do ideal anarquista em Portugal no final do século XIX, com os quais procuraremos dialogar, tendo em vista inúmeras falas e ações do contramestre que corroboram com cada um dos pontos destacados.

O primeiro ponto de que trataremos é o “da hostilidade total ao sistema existente” (MÓNICA, 1987, p. 12). Na primeira reunião clandestina de que participa, o contramestre afirma:

– Pois eu não estarei na razão? Não é certo isto que eu digo?... Governar, legislar... Mas governar quem, a quem e como?... Legislar, mas por que forma, com que autoridade, saber, com que direito?... Vós já pensastes acaso nisto: na surpreendente facilidade com que a presunção humana faz supor-se cada qual investido e iluminado, sem maior escrúpulo nem preparo, na complicada faculdade de legislar?...

[...]

– A Lei é uma coisa feita à vontade deles. Pois seja-o agora à nossa! (BOTELHO, 1982, p. 48-49)

No momento em que se passa a história do romance, entre 1894 e 1895, o sistema político vigente no país lusitano era a monarquia constitucional, mais especificamente comandada por Carlos I. Após o *Ultimatum* (1890) a política nacional estava fragilizada e os grupos republicanos, anarquistas, socialistas e comunistas alcançaram grande expansão. Isso ocorreu porque as leis favoreciam, em larga medida, um grupo que Fonseca (1979b) aponta como sendo a “burguesia mercantilista” que “[...] declarava radiante não existir no País a ‘espinhosa e difícil questão social’. Tomando os desejos por realidades, negou a própria existência física do proletariado, mantendo-o nas condições sociais semibárbaras em que o encontrara nas vésperas do liberalismo.” (p.35). Excluídos pela elite, era de se esperar que diversos grupos operários se organizassem para reclamar – como

aponta o contramestre – novas leis, novas condições de trabalho e sobrevivência. Mónica (1987) ressalta que o liberalismo português era em grande medida artificial, sendo o “terreno propício à expansão das ideias anarquistas” (p. 12). Fonseca (1979a) indica que entre 1887 e 1897 ocorre o “reaparecimento das organizações, jornais e doutrinas anarquistas, invisíveis entre nós [portugueses] a partir de 1873-1874” (p. 23).

O segundo ponto, interligado ao anterior, é o da “convicção de que a única maneira de o destruir [o sistema existente] era através de meios económicos, e não políticos, nomeadamente através da greve geral, ou com bombas.” (MÓNICA, 1987, p. 12). Evidentemente, Mateus corrobora com esse pensamento, o que fica claro na seguinte fala do personagem:

– Ora é claro – ia insinuando – que tudo isto se não poderá alcançar senão por meios violentos: abatendo e destruindo implacavelmente, sem dó, sem medo, tudo quanto tenha o arrojo de cortar a nossa resolução, de empecer-nos o caminho! Diga-se a verdade toda, rapazes... temos que ir à revolução! – Arrepiou-se a onda num calefrio de enleada surpresa. – E não vos espanteis: que nem o expediente é novo, nem nos fica mal... Não há nada mais justo. Eu não quero fazer de vós abomináveis carniceiro, mas os íntegros executores das leis naturais. (BOTELHO, 1982, p. 60-61)

O terceiro ponto de que trataremos é “a ideia de que a sociedade futura seria organizada com base em unidades económicas locais, dirigidas pelos próprios produtores” (MÓNICA, 1987, p. 12). Na primeira reunião clandestina em que o contramestre participa, ele diz:

– A luta pela Verdade abarca o mundo! Aquilo que nós hoje aqui resolvermos terá logo, para bem de todos nós, sua imediata repercussão lá fora. Em todas as principais sociedades operárias da Europa e da América eu conto com amigos dedicados. Quer dizer: são outros tantos irmãos, cujo coração bate igual com o nosso, que aguardam com avidez as nossas deliberações, prontos a fornecerem-nos toda a qualidade de auxílio, toda... em conselho, em experiência e em dinheiro! (BOTELHO, 1982, p. 44).

– Um chefe é um tirano. Vamos suprimi-los! Valeu?... Não devemos ter ninguém por senhor, nem também sermos os senhores de ninguém! A sociedade, tal como as leis naturais a traçaram, tal como deve ser – como nós vamos fazê-la! – não é o escandaloso logradouro, o monopólio insolente de meia dúzia de malandrins com sorte... É um produto orgânico vivo, como outro qualquer, dentro do qual os homens são assim outras tantas células, espontânea e solidariamente concorrendo – mas todos! todos por igual... tanto uns como outro... – para o desenvolvimento, para a vida, para a harmonia e o bem comum! (BOTELHO, 1982, p. 51)

Nos trechos apresentados é possível depreender a importância da comunidade para o contramestre, e a concordância com os preceitos do ideal anarquista.

O quarto e último ponto tratado, com base no que escreveu Mónica (1987, p. 12), é “o ódio aos padres, responsáveis na sua opinião, pela manutenção do povo num estado de sujeição próximo da escravatura.” No romance, isso pode ser compreendido pela percepção do contramestre na seguinte fala:

– O patriotismo é um das muitas e habilidosas formas de opressão que, para impunemente nos esmagarem, têm inventado os ricos e poderosos. Durante séculos, vocês sabem, o seu meio de dominação foi outros: foi a religião. Quanto tempo as classes privilegiadas não exploraram e cavalgaram a seu bel-prazer o povo, ameaçando-o, fanatizado e embrutecido, com o temor dum Deus de açougue, vingativo, cruel... com os tetricos horrores das penas do inferno! E depois quando essa formidável criação de hipocrisia e de embuste caiu, quando o espectro religioso se esvaiu na sombra e o poder de Roma se afundou no ridículo, substituíram-no então pela ideia de pátria. (BOTELHO, 1982, p. 57-48)

Retomando a infância do personagem, também é possível identificar a intenção da instituição religiosa em manter o indivíduo na ignorância, escravizando-o nos dogmas religiosos. Na fala acima, Mateus ressalta que após a religião o patriotismo é outro mal, e na continuação apresenta que o caminho para a completa liberdade é o anarquismo. Em outro trecho da obra o padre Sebastião, figura próxima à família Meireles, demonstra seu descontentamento com a “raça” operária que não se sujeita às tradições religiosas:

– Não há tal! Creiam que lhes digo a verdade... falo sério! Então eu não os conheço?... Positivamente uma cambada! Preguiçosos,

imoralões, indecentes, insusceptíveis de regeneração... refractários, em suma, a toda a espécie de autoridade!

[...]

– Pois então os senhores não vêem?... – continuava entretanto, agora em pé, no indominável furor da sua convicção o padre. – Em todas as manifestações públicas da sua vida?... que a particular, essa então, é uma vergonha! Eles não querem saber de nós pra nada, eles não concorrem à igreja, não conservam as mulheres, não legitimam os filhos... nem sequer os mortos respeitam, porque os levam civilmente ao cemitério! E então que, malignamente e por sistema, hão-de sempre enxovalhar as coisas mais santas... (BOTELHO, 1982, p. 93)

Em *Amanhã*, o narrador produz uma polifonia de vozes, sendo possível compreender muito do que pensavam certos grupos sociais sobre as políticas e costumes da época em que se passa o romance, assim como identificar os inúmeros momentos de contestação a que o contramestre é submetido.

Santana (2007) apresenta que segundo Fredric Jameson, em *The Political Unconscious. Narrative as a Socially Symbolic Act* (1981), o “intelectual operário representa uma dupla traição de classe, quer em relação ao povo, de quem se diz representante, quer em relação às classes dirigentes, que intimamente o fascinam.” (p.206). Com isso, depreendemos que, apesar da busca pela liberdade via o anarquismo, o contramestre intimamente estava fascinado pelo poder que estava exercendo naquele momento, o que fica claro quando pretende “arrojar em massa contra o inimigo comum, a passividade disciplinada e feroz da multidão.” (BOTELHO, 1982, p. 265). O caráter do personagem é moldado nessa dúbia relação entre o homem bondoso e compreensivo vs o homem revolucionário, obstinado por seu ideal. Um episódio que ilustra o caráter contraditório de Mateus é o que envolve o personagem Lourenço, um funcionário da tecelagem, que mantém uma atitude desafiadora e desrespeitosa perante o contramestre, que o despede. Posteriormente, Lourenço reivindicará o seu posto, esperando que Mateus o ajude, já que diz estar do lado dos trabalhadores:

– O senhor tem obrigação de me empregar!

– Obrigação! O que é lá isso?... – exclamou com energia o contramestre. E tirando também do bolso um pequeno revólver,

apontou-o num relance ao Lourenço, eloquente argumento de reforço a esta sumária intimação: – Roda-me já daí! se não queres que te faça saltar os miolos. – Depois, quando viu o atrevido afastar-se, furtando e dobrando o corpo, os braços pendentes e a orelha cobarde, como um pondengo: – Ora o traste! (BOTELHO, 1982, p. 339).

Além de não recontratar Lourenço, Mateus ainda o acusa de um crime que não cometeu:

Mas também, um quarto de hora depois, quando o velho Tobias das “mules” passava, em demanda de casa, no mesmo sítio, foi súbito prostrado por uma cacetada que lhe ia custando a vida.

[...]

Divulgado o caso no dia seguinte, ninguém para ele achava bastante explicação; e instintivamente caíam sobre o Lourenço unânimes as suspeitas. Mateus confirmou, mesmo sem contar o episódio passado com ele. (BOTELHO, 1982, p. 339-340)

Além do momento expresso acima, em que, conscientemente e por desavença, Mateus confirma a suspeição errônea de um homem cujo crime ele não cometeu, anteriormente ameaça: “E ainda eu te não dei o castigo completo... Tua mulher, tua mãe continuam lá. Essas não têm culpa...” (p. 339). Ao longo do romance o contramestre não demonstra remorso sobre o ocorrido e sua ação, segundo o narrador “nem mais o contramestre pensou em tal. Breve este incidente mínimo se perdeu no apreensivo caos de graves preocupações que lhe baralhavam o espírito.” (p. 340). A inconsistência no caráter do personagem se dá de duas formas: a primeira, quando o contramestre adota um ideal que preza pela liberdade, ainda que por meios violentos, e tem a oportunidade de ajudar um operário o mantendo em liberdade, mas o sujeita a um julgamento por um crime que não cometeu, demonstrando uma postura parcial e egocêntrica, já que se vinga por não ter sido respeitado pelo operário; a segunda, quando o contramestre é considerado um messias, apresentado por Anacoreta como um “homem-Providência” (BOTELHO, 1982, p. 228), e na sua própria concepção “o supremo evangelizador do Bem, o messiânico redentor dos fracos e oprimidos” (BOTELHO, 1982, p. 194), mas não pratica o bem que prega.

O messianismo em Portugal, na virada do século XIX para o XX, pode ser compreendido de duas maneiras, a primeira, como aponta Fernandes (2003), é a do:

[...] nacionalismo literário, lusitanista, tradicionalista, da década de 1890 – com inclinações passadista, folclorista, ruralista, neogarretista naquela época; saudosista e integralista nos primeiros anos da segunda década de Novecentos – caracteriza-se pelo voltar-se às paisagens, gentes, crenças e costumes tipicamente nacionais, pelo regresso, sobretudo com evasão do presente deceptivo, aos elementos populares, à natureza, à simplicidade pacíficas, à longínqua época gloriosa e imperial. (FERNANDES, 2003, p. 30-31)

Essa catarse do tradicionalismo português está presente na obra *Só* (1892), de António Nobre, e nas *Palavras Loucas* (1894), de Alberto de Oliveira. A segunda maneira é o messianismo literário que, segundo Fernandes (2003), foi “lançado em bases modernas por Oliveira Martins na sua *História de Portugal*.” (p. 33), em que a posição memorialística é também crítica. Nesse sentido, compreendemos que a postura de Abel Botelho, abertamente republicano, assemelha-se a de Guerra Junqueiro, autor de *Finis Patriae* (1890), em que a regeneração portuguesa, a redenção messiânica, estaria ligada ao republicanismo e ao fim da monarquia portuguesa, segundo a pesquisadora. É importante ressaltar que, para Besselaar (1987), “o povo oprimido pode ser uma nação inteira, ou uma determinada classe da sociedade: existe não só um messianismo nacional, como também um messianismo social.” (p. 11). Assim, interpretamos que Abel Botelho, pela contradição do caráter de Mateus, critica o mito messiânico, em voga no século XIX, ao atribuir o messianismo social ao anarquismo, movimento político do qual discorda.

Como já apontado, a publicação do romance *Amanhã* ocorre em 1901, em um momento de fragilidade para os portugueses, pois nessa época Portugal “[...] era um país extremamente frágil e inferiorizado com relação à Europa desenvolvida; era um país submisso e subalterno à Inglaterra e que não conseguia reverter o quadro de atraso e decadência em que se encontrava desde o início do século.” (FERNANDES, 2003, p. 29). O sentimento de decadência torna-se mais evidente com o acordo do *Ultimatum*, em 1890, pois o sonho de restabelecer o país “através da criação de um novo império colonial na África, com a união de Angola e

Moçambique através da conquista das terras que as separavam” (FERNANDES, 2003, p. 29), chegava ao fim.

Para Lourenço (1992),

Este sentimento de fragilidade ôntica relativo à existência pátria durante *todo* o século XIX, a consciência de uma permanente ameaça, atingiram proporções que hoje nos parecem *absurdas*, descabeladas (românticas, no sentido desorbitado da expressão), mas as suas ondas de choque vão contaminar quase todas as grandes manifestações literárias capitais do século. (LOURENÇO, 1992, p. 86, grifo do autor)

A “onda de choque” que perpassa todas as grandes manifestações literárias portuguesas atinge o romance objeto de estudo desta dissertação. Na análise do personagem principal de *Amanhã*, identificamos seu ávido interesse pelos movimentos sociais; seu maior objetivo é o de transformar o país em que vive num local próspero, colocando-o em par de igualdade com outros países europeus, como a França e a Itália. Enquanto Portugal foi “timidamente aberto à industrialização”, ao mesmo tempo continuava “organicamente agrícola e bisonho” (LOURENÇO, 1992, p. 86).

Historicamente, Fonseca (1979b) aponta que,

Nos períodos de crise, [como o que ocorreu nos anos de 1890] à compressão salarial junta-se a degradação profissional. Se tem família no campo, ali se refugia, até que um ofício da fábrica o convoque para retomar a atividade. Durante a ressaca dos anos 90, o êxodo atingiu proporções enormes. Se está completamente enraizado na zona urbana, exerce, na melhor das hipóteses, empregos ocasionais, mendiga ou, em um última análise, recorre a expedientes desesperados para não morrer de fome. (FONSECA, 1979b, p. 37)

Sobre o sentimento do cidadão português, Lourenço (1992) afirma:

Nunca geração portuguesa se sentira tão infeliz – tão funda, sincera e equivocadamente infeliz – por descobrir que pertencia a um povo *decadente*, marginalizado ou automarginalizado na História e

recebendo passivamente do movimento geral do que chamam extasiados *A Civilização*, não só máquinas, artefactos, modas, mas sobretudo *ideias*, acessíveis como máquinas, etc. Era natural que uma tal reação se operasse no momento exacto em que essa fantástica *Civilização*, nos tocava *fisicamente*. (LOURENÇO, 1992, p. 89-90, grifo do autor)

A crise econômica e cultural pode ser interpretada por duas vias: uma delas é a da nobreza e burguesia, grupos conscientes de que a “existência portuguesa” (LOURENÇO, 1992, p. 24), não é mais como outrora, que se veem inferiorizados em relação à civilização, ou seja, a países como a França e a Inglaterra, e que sonham reviver uma glória passada; a outra é a da população rural e operária. Segundo Fonseca (1979b), em 1881, em média 70% dos portugueses eram analfabetos, e “das classes operárias europeias, a portuguesa vem, depois da russa, à cabeça da má nutrição, opressão, má habitação, analfabetismo, desproteção e mau vestuário” (p. 36).

Mateus traz à tona o sentimento dos camponeses e operários, extasiado com as ideias socialistas e anarquistas vindas de outros locais da Europa, ou como aponta Eduardo Lourenço, d’*A Civilização*. O contato do contramestre com esses ideais ocorria, como já apresentado, por meio da literatura, mas também pela constante correspondência com outros revolucionários, entre eles Bazeleerts, chapeleiro de Antuérpia e “o homem talvez de maior preponderância sobre todo o proletariado belga.” (BOTELHO, 1982, p. 192). O belga chapeleiro é apresentado no romance como um dos delegados da *Internacional* disposto a fazer uma visita ao contramestre, acompanhado de outro delegado italiano, a fim de conhecer o proletariado português, mais especificamente lisboense. Ao saber da visita dos membros do grupo internacional a sua cidade, Mateus se alegra euforicamente e insuflando “novas energias na sua alma, rasgou largos horizontes de esperança no claro céu do seu desejo.” (BOTELHO, 1982, p. 192). Como já apontado anteriormente, a imagem do contramestre é de extrema importância para o seu intento, e “seria um meio aquele, seguro, infalível de melhor se aproximarem todos, de no mútuo conhecimento mais solidamente escorarem o generoso impulso altruísta do seu ideal comum.” (BOTELHO, 1982, p. 192). A influência externa traria prestígio ao grupo revolucionário lisboeta, mas, principalmente, ao homem que aquilo tudo estava organizando. Segundo o narrador, “[...] enquanto demorado

dobrava e guardava a carta na mesma algibeira do jornal, passear pelo aposento um vitorioso olhar dominador, como de general que acaba de alcançar o seu objetivo decisivo” (BOTELHO, 1982, p. 192); interpretamos a analogia feita com a postura militar como uma rigidez na organização e condução do propósito revolucionário, pois assim como o militar serve à pátria sem contestar, o contramestre serve ao anarquismo da mesma maneira, ou espera que outros também o façam. O personagem é descrito como uma figura catártica que busca se exorcizar do seu passado conturbado salvando a si, e a todos que conseguir, das mazelas capitalistas. Além da busca por uma relação exterior,

Uma das formas encontradas pelo contramestre de “se curar” foi através da leitura, mais especificamente diante dos textos e obras de cunho teórico-político, além, é claro, das cartas trocadas com revolucionários e escritores, sendo esse conjunto de ideias a expressão de sua alma:

Estava ali assim toda a sua alma exteriorizada. Nessa pequena enciclopédia se resumia o dinamismo do seu desejo e se fechava a razão da sua vida. Fora na leitura apaixonada e tenaz, na assimilação exclusiva e ardente dessa fascinadora ideologia de piedade e rancor, de amores e ódios, de iconoclastas fúrias e utopias generosas, que se embarulhara a confusão ingenuamente caótica do seu espírito, que se forjara a dura têmpera do seu carácter, misto singular de iluminismo desinteressado e violência cega e brutal. E, pelo aturado convívio espiritual com todos esses epiléticos sublimes obseço ele agora também da mesma libertária aspiração, reputava-se sinceramente investido numa grande missão providencial, tinha de ser, queria ser, no seu país e no seu “meio”, o supremo evangelizador do Bem, o messiânico redentor dos fracos e oprimidos. (BOTELHO, 1982, p. 194)

A construção do personagem como messiânico acrescenta à sua análise a maneira como ele pretende se reconhecer no mundo, preocupado em conferir a sua vida individual um sentido mais amplo, superior. Além disso, o nome Mateus, como aponta Gomes (2009), “coincide ironicamente com o do primeiro evangelista do Novo Testamento” (p. 47). De acordo com Simone Escobar, “o ponto essencial que nos leva à ideia de messianismo é a tarefa que Mateus se impõe de levar a ‘boa nova’, nesse caso, os ideais socialistas, aos desvalidos, aos miseráveis para que operem uma ruptura no sistema e a partir dessa quebra haja um equilíbrio entre as

classes (burguesia e proletariado)” (2010, p. 12). Por outro lado, segundo Moisés (1961), “Mateus prega um mundo melhor para todos, dentro de absoluta igualdade social, mas suas ideias são mais de um espiritualista, de um apóstolo de verdades cristãs, que propriamente de materialista.” (p. 60).

Em outro trecho do romance, Mateus “em piedosa meditação junto à janela” (BOTELHO, 1982, p. 194) baixou seus olhos magoados para a paisagem que vai da colina até o rio. Nessa contemplação, o contramestre inicia uma reflexão sobre a miséria, e a possibilidade de alcançar uma transformação ideal que beneficiaria a todos igualmente:

Como este doce incêndio, esta coroa arrogante e jucunda dolorosamente contrastava com aquela jazida de treva, com a penúria eterna dessa legião de lázaros, almas amassadas no ínfimo barro, maldito rebanho de máquinas vivas, carne precita e impura, ao mais formal desprezo, ao mais completo obliúvio votada na eterna noite da sua dor... tendo aos horrores do seu trabalho de extenuamento por lenitivo único o vício, tragicamente redouçando na alternativa entre a miséria e o crime! Quando havia de esta tremenda iniquidade acabar?... Fora a mesma batalha, ia para vinte séculos, de Jesus Cristo. Mas este ao menos conseguira alguma coisa. Porque é que esperavam então, ele e os mais que como ele, por esse mundo fora, aquecidos na fé pela mesma santa cruzada, polarizados à mesma generosa aspiração comum, tinham sobre os seus ombros o cargo e nas consciências ardendo a iluminada ânsia de emanciparem totalmente o homem, conquistando-lhe pela liberdade a paz, assegurando-lhe com a igualdade a ventura?... O grande ideal seria que essa suprema remodelação se fizesse pacífica, serenamente, toda por meio da concórdia e do amor, talhada na voluntária abdicação de uns, nas moderadas reclamações dos outros. Que bom que o formidável cataclismo social iminente se operasse pela persuasão, numa espécie de suave e cândido apostolado, consoante ao do Evangelho; ou que o advento da nova era pudesse, segundo o voto de Tolstoi, preparar-se apenas por meio da “resistência passiva do Mal”... Pois porque não haviam de as ideias, as revoluções caminhar serena e irredutivelmente, como os astros no Espaço, com a majestade, a fatalidade e a energia dum plano divino?

Mas não... era uma irrealizável utopia esta; garrotava-a na origem o ferino egoísmo humano; balizavam os dois extremos do campo antagonismos irredutíveis. E então, visto como era forçoso recorrer à violência, ele iria também, entre os primeiros, escravo da vontade e senhor do coração, incondicional executor da fatalidade das coisas. (BOTELHO, 1982, p. 195-196)

Segundo o pensamento do contramestre, a miséria e o crime teriam como origem o descaso social e a exploração do homem, que o extenuam e o impedem de viver, levando-o aos vícios. Essa situação seria justificada pelo egoísmo dos burgueses e aristocratas, que aproveitam a mão de obra barata, sem ter qualquer preocupação em prestar auxílio aos mais pobres. Mateus também aponta que há vinte séculos Jesus Cristo lutava contra a iniquidade, a mesma contra a qual ele também luta, iguala-se à figura divina exceto pelo fato de que Jesus conseguira algo, enquanto ele ainda espera a emancipação total do homem. Para o contramestre essa emancipação se daria pela revolução anarquista, que poderia melhorar as condições de vida dos trabalhadores, com direitos trabalhistas e melhores condições de moradia, por exemplo.

Segundo Sá (1978), até o ano de 1889 não havia nenhuma lei laboral que prescrevesse regulação do tempo de trabalho diário para homens, mulheres e crianças. Assim, não havia fiscalização que proibisse a exploração demasiada dos trabalhadores, que estavam completamente à mercê da vontade de seus patrões. O personagem, inconformado com o silêncio da classe operária, aponta que todos deveriam lutar pela mesma fé, e com os mesmos objetivos de emancipação, para conquistar a liberdade e, por consequência, a igualdade. Esperar a revolução acontecer sem nenhum sacrifício ou esforço era, para o contramestre, algo utópico. A religião e a fé, para ele, estão relacionadas ao questionamento das imposições burguesas e aristocratas. Para Besselaar (1987) “o movimento reformador e profético podia revestir-se das formas mais variadas: espiritualismo, milenarismo, anarquismo, comunismo, nacionalismo, etc. – mas todas essas correntes prometiam um futuro melhor, garantido por Deus” (p. 20)

É necessário expor algumas considerações sobre a Geração de 70, grupo formado por jovens intelectuais que exerceu grande influência sobre o movimento operário português. Para Sá (1978) é a partir de 1870 que verdadeiramente se inicia o movimento operário em Portugal. Durante as Conferências do Casino, segundo Lourenço (1992), pela voz de Antero de Quental, adepto confesso do ideal socialista, foi instituída uma espécie de “parricídio” da pátria, que elevou Antero à condição de herói cultural, sendo o mais coerente da conferência a assumir tal posição. Por causa de sua intenção contestadora sobre símbolos caros para a nação portuguesa, como as “Descobertas, a Inquisição e os Jesuítas” (LOURENÇO, 1992, p. 92), não

se levou em consideração que a sociedade não estava preparada para se desligar de séculos de mistificação nacional:

Sem o terem desejado, os primeiros interpelantes radicais da *realidade nacional* instalaram-se na exceção (que eram, mas não apenas como o imaginavam) e este *desenraizamento* daquilo de quem ninguém pode desenraizar-se impunemente, ia convertê-los na *primeira geração perdida* de Portugal (gloriosamente perdida...) [...]. O que começara com Proudhon acabará com D. Sebastião e Nuno Álvares; o antiparlamentarismo de vocação revolucionária em cesarismo mais ou menos esclarecido. (LOURENÇO, 1992, p. 92, grifo do autor)

A frustração do desenvolvimento do país trouxe à luz, com mais intensidade, uma possível transformação política. Nesse momento, a classe operária se posiciona, e o objetivo desses revolucionários que se baseavam no ideário anarquista e socialista, segundo Hobsbawm (2016), era “[...] criar uma nova sociedade, que teria início com a emancipação dos trabalhadores por sua própria iniciativa, e que emanciparia toda a raça humana.” (p. 186). Para Lourenço:

A *realidade* comparece na sua dupla face arcaizante e contemporânea. Será necessário uma espécie de abalo sísmico da entidade pátria, como o provocado pelo *Ultimatum*, para se assistir, num momento de exaltação, à convergência de todas as *imagens* culturais da Nação – à dos profetas vencidos como Antero que creem (ou outros por ele) chegada a hora da regeneração mística. [...] Todos os mitos são convocados para uma espécie de *Sabat* regenerador [...] – o pessimismo de *Finis Patriae* ao serviço da *Pátria*, tornada como tal, enfim, objeto supremo de vocação e invocação literárias, promovida de tema obcecante implícito ou consciente, *em tema obrigatório*. (LOURENÇO, 1992, p. 99, grifo do autor)

Nesse contexto, a revolução idealizada por Mateus e o desejo de transformação do país numa sociedade mais justa, entretanto, não se concretizam nem em Portugal, nem no romance de Abel Botelho. O “abalo sísmico da entidade pátria”, causado pelo *Ultimatum*, reverbera no romance *Amanhã*, trazendo a imagem de uma sociedade decadente, mas aparentemente sem solução, já que Mateus não consegue ser bem sucedido no seu projeto revolucionário. O escritor, apesar de apresentar uma forte crítica sobre as injustiças sociais e a exploração da classe

trabalhadora, acaba também por expressar o pessimismo disseminado no final do século XIX.

3. AMOR VS REVOLUÇÃO: A PRESENÇA DE ADRIANA MEIRELES

Para Moisés (1961) a história de amor entre Mateus e Adriana serve apenas “como pano de fundo, e pano de fundo um pouco incolor, para entreter o leitor, ou leitora, desejosa de intriga ou mistério na composição do romance” (MOISÉS, 1961, p. 48-49). Discordando do apontamento feito pelo estudioso brasileiro, compreendemos que a relação entre os dois personagens não é apenas um pano de fundo romântico, mas um ponto de subversão para ambos, como procuraremos demonstrar ao longo deste capítulo.

Anteriormente analisamos a cena em que Mateus observa o castelo e a fábrica. Em seguida, ainda refletindo na sacada da casa em que mora, o contramestre avista “um vivo ponto luminoso” que “radiou primeiro, como uma estrela, e logo, crescendo, abriu um pequeno retângulo de oiro fosco na monotonia de cinza da fachada...” (BOTELHO, 1982, p. 172). Com grande curiosidade se esforça para enxergar no solar do Almagem; devido a isso, “abriu-se-lhe numa dispneia de ansiedade” (BOTELHO, 1982, p. 173), mas o contramestre identifica que se trata de um vulto feminino “e um airoso braço se definiu, erguendo a cortina, houve uma atitude de quem inquiria o céu; depois, num relâmpago, cortina e braço caíra... desapareceu a sombra.” (BOTELHO, 1982, p. 173). Mateus ainda não sabe, mas Adriana Meireles é o vulto que ele vislumbra distante, e por quem terá obsessão:

Ficara-lhe tão fundamente impressa na alma a fascinativa aparição, que ele na reçaça lhe conservava íntegra a imagem, como se presente ela ainda fosse; e todo o seu empenho era agora alimentar viva, flagrante esta ilusão, té que, a prolongá-la nos domínios novamente da realidade, essa apetecida sombra voltasse. (BOTELHO, 1982, p. 173)

Esse momento preconiza a interação do contramestre com a burguesa, relação de extrema importância para o desenvolvimento psicológico do personagem e alguns de seus conflitos. A descrição, apesar da aproximação com a do idealismo romântico, é irônica e o sentimento de espera não é prazeroso, ou idealizado, mas

afeta fisicamente o corpo e a respiração do personagem. Segundo Santana (2007), “a novidade [no romance naturalista] consistirá em rejeitar o dualismo cartesiano entre alma e corpo, incompatível com as modernas teorias científicas. Em suma: trata-se de pôr em evidência a origem somática dos sentimentos.” (p. 292).

Em outros momentos do romance a reação física das emoções é novamente verificável. Como no primeiro encontro de Mateus com Adriana Meireles, que ocorre em uma das raras visitas da dama até a fábrica tecelã da família. O narrador descreve esse instante pelo olhar do contramestre, que enxerga uma “figura patricia e ondeante de Adriana, em cabelo, vestindo uma simples blusa de seda lilás com listras brancas e largo cabeção de guipura creme, sobre uma saia de lã em funil, de um cinzento de aço, sem folho.” (BOTELHO, 1982, p. 231). Os detalhes da descrição são “frios”, objetivos, as cores e os tecidos não carregam um valor simbólico como no romantismo. O desapego da sensibilidade romântica pode ser entendido quando, logo depois da descrição detalhada, a atenção do contramestre é direcionada para a ideia “inovadora” de Adriana de construir uma creche para que as funcionárias se revezem, e cuidem de seus filhos enquanto trabalham. Mateus interpreta a proposta como um ato de “verdadeiro socialismo prático” e de “pura religião do amor” (BOTELHO, 1982, p. 236), mas compreendemos que se trata apenas de uma maneira para acalmar a consciência religiosa de Adriana.

O efeito, no contramestre, deste primeiro contato com Adriana, é similar ao que ocorreu quando, da sacada de sua residência sente a “dispneia de ansiedade” por vislumbrar uma sombra feminina. Na noite, e também no dia seguinte, do encontro entre o contramestre e a burguesa, Mateus passou todos os momentos em “alheamento, num desdém, num tédio, perdido num como alto nimbo de sonho, embalado por inebriantes carícias perfumadas...” (BOTELHO, 1982, p. 236), e “Nunca mais, durante a sequência do dia, se lhe desarraigara do espírito a perturbadora impressão do seu primeiro encontro com Adriana, naquela memorável manhã.” (BOTELHO, 1982, p. 236). Ressaltamos a consequência corpórea do contramestre em contato com a personagem feminina, comprovando a representação “somática dos sentimentos.” (SANTANA, 2007, p. 292).

Para Santana (2007),

[...] o temperamento e a hereditariedade têm no romance naturalista o valor de um *fatum* que introduz uma lógica de previsibilidade trágica. Em todo o caso, estes elementos só por si raramente constituem motivos diegéticos susceptíveis de dinamizar a acção romanesca. Esse motivo dinamizador é por norma um elemento mórbido, uma “paixão”. O processo consiste então em submeter a personagem a um percurso de dissolução do qual resulta um efeito pragmático, uma sanção moral. (SANTANA, 2007, p. 292)

Utilizaremos o exemplo da seguinte cena, para dialogar com a citação acima. Ao cair da noite, depois do primeiro encontro do casal, Mateus, em sua “ronda ardente de conspirador” (BOTELHO, 1982, p. 236), estava

[...] ali a sós com o seu coração, por completo à mercê da comovida obstinação dos seus pensamentos, tomava-o com mais avassalador império, abria-lhe horizontes novos de gozo, nas suas roscas voluptuosas, a divina recordação desse instante, a quente evocação dessa imagem bendita.

O seu primeiro movimento, mal que acendeu o candeeiro, foi tomar de cima da mesa um lápis e ir pressuroso fixar na escaiola rosada da parede, junto à cabeceira do leito, mesmo ao canto, a data daquele dia, que ele instintivamente sentia teria de exercer grave e decisiva influência no seu destino. (BOTELHO, 1982, p. 236-237)

A “decisiva influência” de Adriana no destino do contramestre é utilizada para dinamizar a acção romanesca, um ponto de conflito diante dos ideais políticos do personagem.

Para o contramestre, a paixão por Adriana era uma fraqueza que atrapalharia seu “esforço messiânico” e seu propósito anarquista, como podemos depreender na reflexão do personagem sobre a dominação do sentimento amoroso sobre ele:

Triste coisa! Afinal, estava vendo, era também um fraco, um escravo estúpido do sentimento... e, como em todo o bom português, o seu grande e tumultuário coração governava-lhe de capricho a exiguidade funcional do cérebro! – E assim adormeceu com a ideia fixa de baldar – não sabia ainda bem como, porém havia de consegui-lo – baldar um plano que seria fatalmente a prematura, a fatal anulação do seu esforço messiânico. (BOTELHO, 1982, p. 238)

A paixão entre Mateus e Adriana só é disposta para nós leitores, não se encontrou evidências de que outros personagens estavam cientes dos encontros e sentimentos compartilhados por ambos. Isso porque no século XIX o namoro deveria levar obrigatoriamente ao casamento, o que significava nos meios pequeno-burgueses, segundo Michelle Perrot (2009), uma forma de ascensão social e aliança. Para Mateus, o desejo de elevação para um extrato superior ao seu não é manifesto, o que se esclarece pela posição política que assume; e Adriana, em um ato de empoderamento feminino, almeja dominar o homem:

É que o seu temperamento vivo e másculo tinha naturalmente uma obsessão do mando. Da sua alma, embora feminina, a preocupação constante, essencial, era este garridíssimo dos fortes que consiste na sujeição dos outros. Sob este ponto de vista, a grandeza moral do Mateus desafiava-a... não pelo deslumbramento, não pelo afecto, não por qualquer fascinação sentimental... mas por uma espécie de duelo de primazias, por um acre ciúme de competências. Não era nada banal aquele homem! Tinha vontade sua, eloquência, poder, alma, prestígio. Quem o pudesse dominar! Aquele sim, valia a pena! Era de tentar a experiência. A ver qual dos dois era mais forte! – E quanto mais considerava na arriscada empresa, mais também a atracção, o encanto por um êxito que tinha como certo, a empolgava. A termos que, desde aquela noite, progressivamente tomou corpo e cada vez mais fundas raízes mergulhou na virgindade arrogante da sua alma o apetite absoluto e ardente de vir ela a tornar-se ainda a suserana, a dominadora suprema dum homem assim! (BOTELHO, 1982, p. 263-264)

Segundo Santana (2007), para Abel Botelho “a terapia das paixões passa por uma compreensão filosófica da fragilidade humana, para a qual a fisiologia – na leitura positivista – não detém a resposta exclusiva.” (p. 309). A partir disso, a pesquisadora portuguesa aponta uma alternativa filosófica a partir de Schopenhauer, e acrescenta que a sua leitura não pode ser afirmada como o *maître à penser* da geração de escritores naturalistas portugueses, mas “imprime uma marca indelével na produção romanesca de todo este período” (SANTANA, 2007, p. 311). Para ela,

Entre as razões desta projecção estará certamente a forma como o filósofo analisa as motivações primárias do comportamento humano, privilegiando a abordagem empírica e recorrendo ao saber científico do seu tempo. Por outro lado, como Terry Eagleton sublinhou, ao

desmistificar a razão Schopenhauer instituiu o desejo em protagonista do teatro humano; e ao fazê-lo acentuou o sentido trágico – ou antes tragicômico – da existência, quer individual quer social. É este, a nosso ver, o seu principal ponto de convergência com a estética naturalista, ela própria em grande medida uma estética de desencantamento. (SANTANA, 2007, p. 311)

A partir disso, identificamos o desencantamento schopenhaueriano no seguinte diálogo entre Adriana e Mateus, em que o contramestre é questionado sobre seus sentimentos, pois mantinha a postura de “[...] sempre sério, apreensivo, sempre avergado ao trabalho” (BOTELHO, 1982, p. 301). Nesse diálogo, Mateus responde esclarecendo sua percepção sobre o amor:

– Não é com tais sutilezas que me escapa – obtemperou com intimativa Adriana, alongando na sua imperiosa linha reta os cílios. – É claro que me refiro ao amor por uma mulher.

– Deus me livre!

– Porquê?... – fez Adriana com decisão, parando.

– Porque o amor individual – acudiu logo o Mateus – é uma das formas do egoísmo, e como tal um sentimento bastardo e mesquinho, que degrada o homem... que é indigno de mim!

E plantado, firme e austero, diante dela, olhava-a com os seus implacáveis olhos de aço, fascinadoramente.

Adriana, porém, derivando por seu turno o bote, ria agora a perder, e com a sarcástica expressão, reatando o passo:

– E ainda o senhor não quer que eu apregoe a exatidão daquela minha teoria? Veja bem em si mesmo, *aplicando el cuento...* pôs-se de mal com as formas, os sons, as cores, e desterrou o coração para a Sibéria!

– Devemos amar, sim! mas coletivamente, a humanidade em globo, com um fim útil em mira...

– Que maçada que isso era!

– Amar como Jesus amou... Por forma que o amor seja não só um esteniante prazer para nós, mas para os outros uma fonte perene de felicidade, um bem, um estímulo. Pudesse eu! (BOTELHO, 1982, p. 304, grifo do autor)

No trecho acima, compreendemos a passagem em que o contramestre encara Adriana com “implacáveis olhos de aço, fascinadoramente” como uma descrição objetiva, ao passo que em uma das falas da personagem feminina é possível identificar a proximidade com o ideal romântico: “pôs-se de mal com as formas, os sons, as cores, e desterrou o coração para a Sibéria!” (BOTELHO, 1982, p. 304). Nesse sentido estabelecemos a seguinte oposição: naturalismo (representando por Mateus) vs romantismo (representado por Adriana).

Em outro encontro, jardim do solar do Almargem, comprova-se a dualidade. A senhorita Meireles questiona sobre as flores, sobre a natureza que os rodeia, ao que o contramestre responde “com filosófico desdém” (BOTELHO, 1982, p. 302):

– É que, habitualmente, a minha alma é insensível às solicitações banais do mundo exterior. Nem dou por elas, creia-me! E, assim mesmo, ainda às vezes me preocupam mais do que eu quisera...

[...]

– O que é que eu hei-de ver?... – suspirou este alheadamente, já sem força para arredar-se dali, encolhendo os ombros. – Por exemplo, agora sei, calculo que aqui mesmo em volta de nós desdobra vitoriosamente as suas harmonias pagãs a Natureza... toalhas de luz, ondas de perfumes, um cabriolar estonteante de cores, as mais admiráveis sinfonias de tons, fragrâncias, cânticos. Mas que me fazem, que me importam a mim todas essas futilidades do exterior?... Tudo isso é para mim como se não existisse; não vejo, não sinto nada! (BOTELHO, 1982, p. 302)

Ressaltamos que a frieza e ceticismo do personagem evidenciam a postura pessimista da vida e da natureza, características associáveis à filosofia de Schopenhauer. Na continuação da conversa, Adriana afirma:

[...] – Fracos são os meus conhecimentos, mas mesmo assim avalio muito bem que esta coisa da metafísica é a região polar da filosofia, pois não é?... – Abanava o Mateus negativamente a cabeça. – A abstracção é para o homem o que é para a terra o gelo. Alma que no exclusivismo espiritualista se perdeu, ressicou, morreu para a vida... e a sua, meu caro Sr. Mateus, não está nesse caso!

– Posso ser um espiritualista e sentir vivamente as coisas. (BOTELHO, 1982, p. 303)

Interpretamos que para Mateus ser espiritualista está relacionado à sua escolha objetiva de revolução social e de renúncia do prazer. Sendo assim, o contramestre busca se libertar do controle exercido pela Natureza, busca controlar seus sentimentos por Adriana os racionalizando, para viver com plenitude a sua missão revolucionária.

Santana (2007) aponta que,

Fruto do tirânico *desejo de viver*, as desordens passionais deixam de ser encaradas como afecções transitórias ou regeneráveis. Uma contradição que a literatura naturalista reflecte, ao tentar conciliar o inconciliável – ou seja, ao tentar inserir na sua pragmática morigeradora uma visível descrença na perfectibilidade humana. (SANTANA, 2007, p. 316, grifo da autora)

Além da perspectiva schopenhauriana sobre a paixão, compreendemos que há a ideia de amor disposta nas falas do personagem, sendo esse último sentimento uma forma de manifestação política. Como já apontado, a influência de teóricos anarquistas e socialistas, entre eles Kropotkin e Bakunin, é importante para a constituição do caráter e das decisões do contramestre. Sendo assim, influenciará também a sua percepção sobre o amor. No diálogo utilizado para afirmar a dualidade naturalismo vs romantismo, Mateus diz: “– Devemos amar, sim! mas coletivamente, a humanidade em globo, com um fim útil em mira...” (BOTELHO, 1982, p. 304). Nesse sentido do amor à coletividade, relacionamos com uma carta de Mikhail Bakunin, escrita em 29 de Março de 1845 e enviada para seu irmão Pavel. No conteúdo da correspondência o russo discorre:

Amar é querer a liberdade, a completa independência do outro, o primeiro ato do verdadeiro amor; é a emancipação completa do objeto que se ama; não se pode verdadeiramente amar senão a um ser perfeitamente livre, independente não apenas de todos os outros, mas até mesmo, e sobretudo, daquele pelo qual é amado e que ele próprio ama. Eis minha profissão de fé política, social e religiosa, eis o sentido íntimo, não somente de minhas ações e de minhas tendências políticas, mas também, tanto quanto eu possa, o de minha existência particular e individual, pois o tempo em que estes dois tipos de ação podiam ser separados já está bem longe de nós; agora o homem quer a liberdade em todas as acepções e aplicações

desta palavra, ou, então, ele não a quer absolutamente. (BAKUNIN, 2010, p. 47)

Em outro trecho da carta, a personalidade russa expressa que a emancipação do homem é “a única influência legítima e benfeitora” (BAKUNIN, 2010, p. 48), e que todos os dogmas religiosos e filosóficos são mentirosos, o que corrobora com a postura anarquista de Mateus em todas as esferas de sua vida.

A consciência religiosa de Adriana é outro fator decisivo no relacionamento do casal. No capítulo III do romance, momento em que conhecemos todos os personagens abastados, ocorre um diálogo entre o padre Sebastião, D. Mafalda e Jorge Meireles.

– Ora eis aí está! – exclamou radioso do frisante argumento, o padre Sebastião. – Ah, aquilo é gente daninha... São como a víbora: mordem quem os afaga. Livrar deles! Livra...

– Diz muito bem... – tornou a apoiar, batendo o pé na alcatifa, a D. Mafalda, comovida.

– Perdão! Também eu imaginava isso... – observou, já um pouco aplacado, Jorge, agora sentado, com a irmã, junto da mãe, cujas mãos os dois procuravam com meiguice. – Mas agora, que lido com eles, que os conheço melhor, vejo que não passam duns pobres diabos... O que eles querem é importância, bom modo... e, acima de tudo, os meios de irem pensosamente atamancando a vida! (BOTELHO, 1982, p. 95)

No trecho acima, identificamos duas percepções sobre a classe operária. A primeira é a do padre Sebastião e D. Mafalda, ambos são representantes de um pensamento retrógrado de superioridade da classe dominante. O padre, que seria o disseminador dos preceitos cristãos de amor e caridade para com todos, demonstra ser parcial, chama os operários de “víboras”, mas serve como uma “espécie de bobo familiar, alvissareiro e prestadio, inofensivo e tagarelo, chocarreiro ‘factótum’ de longa data acumulando ali o trabalho humilde de um como serviçal para voltas, com a grotesca função de desopilador à eutrófica rabuge de D. Mafalda.” (BOTELHO, 1982, p. 77). Em outro diálogo do romance entendemos que a fábrica foi uma construção a contragosto de D. Mafalda, pois para ela todos aqueles operários são “uma canalha” (BOTELHO, 1982, p. 91). Ao concordar com a fala do padre, também

demonstra não ter conhecido nenhum daqueles que critica, enxerga-os sempre do alto de sua morada. A segunda percepção é identificada na fala de Jorge, o novo burguês, em que fica clara a necessidade de ceder os “meios [para os operários] irem penosamente atamacando a vida!”. Nesse sentido, a postura de Adriana frente ao grupo operário não é diferente da do irmão, ou seja, ela compreende que precisa ceder algo, em nome da consciência religiosa de amor e caridade. Em um diálogo com o pai, onde tenta convencê-lo a construir uma creche na fábrica da família, ela diz:

– Temos obrigação de pensar nisso! – tornou com **piadosa** decisão a filha. – Deixando esses anjinhos em casa, sabendo os perigos, as inclemências a que ficam expostos... todos os dias se ouve falar em desastres desses... as **pobres** mulheres é como se não estivessem na fábrica. Deixaram a alma longe, não fazem trabalho que preste. (BOTELHO, 1982, p. 99, grifo nosso)

Na citação acima, a postura de Adriana é a da piedade, como mostram as palavras que destacamos, que corroboram com essa interpretação. Por outro lado, para ela as “pobres” mulheres perdem o foco no trabalho quando estão preocupadas com as crianças sozinhas em suas casas, e devido a isso elas “não fazem trabalho que preste”. Nesse sentido, ela afirma, como forma de convencer o pai: “Então?... Era uma obra de caridade e um bom acto de **administração**...” (BOTELHO, 1982, p. 100, grifo nosso). Participante de uma família abastada, Adriana compreende a caridade como um ato de administração e não de justiça social.

Transpondo a caridade da protagonista para a relação com Mateus, identificamos mais um dos motivos para que o contramestre entrasse em conflito. Na primeira reunião clandestina do romance o personagem diz:

– Hesitais?... Falece-vos a coragem, desarma-vos a compaixão?... Não estareis ainda fartos de sofrer, ter complacências com os ricos e poderosos?... Pois não será já o tempo de nos constituirmos, seja por que modo for! naquilo que devemos, que temos o direito e a obrigação de ser?... Já lá vão doze séculos sobre aquele em que o glorioso poeta romano deplorava a sorte dos míseros “que cavam a terra e não têm pão... que tecem o linho, o veludo, a seda e vestem burel...”, doze séculos, doze! e o nosso Estado ainda hoje é pior... Pior sim! Mais duro, mais aviltante; porque hoje os nosso arrogantes

dominadores, mais timoratos ou mais hipócritas, **mascaram a sua tirania de escárnio, a sua opressão com a caridade...** Pois nós não estamos a ver como eles nos amam? Como velam por nós?... É aí por toda a parte, para o nosso uso e engodo, albergues, asilos, “creches”, sopas económicas... Fingem interessar-se pelo nosso bem-estar e não pensam senão em nos acorrear mais a canga. Concedem-nos por esmola o que nos pertence de direito. E não será isto uma troça agravando a humilhação?... (BOTELHO, 1982, p. 61-62, grifo nosso)

O contramestre ressalta como esse “amor” é uma subversão da caridade cristã. Para Mateus “a maquiavélica ideia de Adriana era o mais inoportuna e absurda, a pura antítese do seu sonho... vinha rasgar como um relâmpago de sarcasmo o querido mistério da sua obra” (BOTELHO, 1982, p. 237). Assim, a caridade cristã juntamente à figura da mulher sedutora faz com que Adriana domine o contramestre, fazendo-o se questionar:

Lembrara-se ele ainda, na ocasião, de a contrariar, mas a verdade é que se acobardara, titubeara e calara-se... sem saber porquê. E esta humilhante consideração desconcertava-o, sacudia-lhe a raiva. – Pois não viria aquela maldita ideia da “creche”, ou o que quer que era, por igual intempestivo e hipócrita, armada ali dentro da oficina formular-se na pior ocasião, amaciando velhos atritos de castas, mostrando a lendária fereza dos patrões por um prisma favorável?... Era o meio infalível de captar a gratidão das mães, faria capitular, por essa brecha aberta no coração, o elemento feminino... e, conquistado este, alcançada era também, pela sua incombustível influência, a paciente sujeição dos homens. Seria a destruição, pelo amor, de tudo que ele andava preparando pelo ódio. (BOTELHO, 1982, p. 237-238)

Para o contramestre o ódio é a força motriz da revolução, e o amor de Adriana pelos operários não é real e, apesar de confundi-lo, serve apenas para manter os “velhos atritos de casta”.

O conflito final de Mateus em relação à Adriana ocorre durante a procissão comemorativa do centenário de Santo Antônio. Segundo Gomes (2009), o contramestre está preparado para o início do atentado bombista, que supostamente ocorreu em 29 de Junho de 1895, quando no local em que está escondido aparece a personagem feminina, dizendo: “– Venho simplesmente – entenda-me bem! – venho restituí-lo a si próprio... venho chamá-lo à razão, à benignidade, à justiça, ao dever.

Venho salvá-lo! Intervindo a tempo de lhe deter essa mão, prestes a ser milhares de vezes homicida.” (BOTELHO, 1982, p. 524). Ao que o contramestre rebate “– Homicida, não! Adriana... Protesto! Modifique o seu juízo.” (BOTELHO, 1982, p. 525).

Adriana surge como uma consciência externa para apaziguar o espírito intempestivo do contramestre:

– Venho aqui para conseguir – pela persuasão ou pela violência, se tanto for preciso! – que no seu alto espírito volte a fazer-se a repousada luz do bom senso, que o embate das mais abomináveis paixões apagou... Venho para lhe fazer ver claro dentro de si mesmo e mostrar-lhe que, assim como a vaidade vulgar é a geradora do erro, também essa sua generosa ambição podia ser o prólogo sanguinolento do crime! (BOTELHO, 1982, p. 525)

Nesse momento, a personagem feminina demora a dizer que o ama, e responde que está lhe dando a mais elevada prova de estima, ao seguinte questionamento de Mateus: “– Que mal lhe fiz eu para me odiar tanto, para me crucificar assim?...” (BOTELHO, 1982, p. 528). Mais à frente Mateus insiste em saber o motivo pelo qual a moça permanece ali, e ela o responde dizendo que o ama, e trazendo “o rosto do contramestre mais perto do dela e cerrou-lhe a boca ardente com os seus lábios frios.” (BOTELHO, 1982, p. 531). Inferimos pelos lábios frios de Adriana, durante o beijo, que não se trata, para ela, de uma questão de amor, mas de impedir o atentado bombista, mostrando ser uma mulher consciente da sua importância decisiva no conflito.

O conflito do contramestre pode ser disposto da seguinte maneira: abandonar o atentado, e os operários que nele confiaram, para ficar com a mulher amada vs continuar no protesto para preencher seu ego, e concretizar sua missão messiânica. No momento de maior profusão de pensamentos, o contramestre cogita agredir Adriana:

– Ó Adriana, tome sentido! Não abuse mais da minha sensibilidade... não me obrigue a começar as violências por si! Vamos! Para trás... – E ante a ineficácia ridícula da sua ordem: – Bem, tenho então que recorrer à força, já que me não faço obedecer

por outra forma! Compreendo... isto não é uma luta entre homem e mulher, é o conflito implacável entre duas castas! Raça contra raça, não é assim?... Pois vamos a ver quem vence! (BOTELHO, 1982, p. 530)

A mudança de humor de Mateus é extremamente rápida, quase instantânea. Em um momento pretende agredir aquela contestadora, em seguida tem sua ação amenizada pela figura idealizada de Adriana, como uma mulher indefesa, sem culpa diante da sua cólera. Conflito similar ocorre no primeiro encontro, quando Mateus se delicia com a imagem etérea de Adriana, ao passo que busca se persuadir de que o relacionamento amoroso causaria sua destruição, o que de certa forma acontece.

Após Adriana interferir na ação de Mateus, tendo-o controlado, “numa violenta expiração de alívio, ergueu gratos olhos ao céu; depois afastou-se, pé ante pé, subtilmente, e atravessando rápida o parque, já desperto nos primeiros alvares da manhã, entrou em casa.” (BOTELHO, 1982, p. 532). Ao ir fechar uma das janelas do lado Sul, ocorre uma explosão, espalhando uma “impetuosa girândola de morte pelo ar. [...] um grosso projétil, despedido do exterior com violência, veio rolar-lhe aos pés... Ela abaixou-se, e viu que era a despegada cabeça do Mateus, numa pasta informe, fitando nela amargamente os olhos gelatinosos...” (BOTELHO, 1982, p. 532).

Para Santana (2007):

A epopeia de Mateus termina, tal como começara, em chave alegórica e mítica – vencido por uma Salomé insinuante e dominadora. Ora, uma das inconseqüências do naturalismo, sobretudo na fase epigonal, consiste justamente, como nota Yves Chevrel, na “tentação de reescrever os mitos”, contrariando o princípio da objectividade. Há que ter em conta, por seu lado, o imaginário decadentista que contamina a obra de Abel Botelho: a sinuosa Adriana vem em parte inserir-se na linhagem romântica das mulheres fatais, recodificada pela estética decadentista; o mesmo imaginário reaparece na descrição macabra da cabeça de Mateus – “numa pasta informe, fitando nela amargamente os olhos gelatinosos...”. Mas não será esta morte uma alegoria do destino fatal das revoluções? E não será a estratégia simbólica, como sugere ainda Mitterand, uma forma de escamotear o real, imprimindo à História um sentido mítico e fatalista? (SANTANA, 2007, p. 206-207)

No momento final do romance interpretamos que Adriana pode ter se arrependido da sua interferência no atentado bombista de Mateus. Ela “então, compreendendo, sucumbida de dor e de remorso, deu toda a alma num arranco de suprema angústia e tombou aniquilada de pavor sobre aquele crânio fumegante” (BOTELHO, 1982, p. 533). Movida pela caridade cristã, o objetivo da protagonista era de evitar que o contramestre cometesse um ato “milhares de vezes homicida” (BOTELHO, 1982, p.524), salvando assim muitas vidas. O conflito de Adriana ocorre quando ao impedir a morte de tantas pessoas, não consegue impedir a de Mateus, portanto, a pretensão salvadora não se cumpre.

4. O CONTRAMESTRE E O MINEIRO: UMA ANÁLISE COMPARADA DOS ROMANCES *AMANHÃ* E *GERMINAL*

Neste capítulo, faremos um estudo comparado entre as obras *Amanhã*, de Abel Botelho, e *Germinal*, de Émile Zola. Sendo assim, ao trabalhar com a literatura comparada devemos levar em consideração que todo texto é único na medida em que dispõe em perspectiva tantos outros que o influenciaram. Segundo Carvalho (1949),

A compreensão do texto literário nessa perspectiva [de uma reescrita natural] conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações. Dito de outro modo, o comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. (CARVALHAL, 1943, p. 51-52)

No caso de Abel Botelho, Correia (2008) trouxe à luz certa entrevista do escritor português, feita por Albino Forjaz de Sampaio, em 1907, em que é possível identificar as várias influências literárias que o auxiliaram em seu processo de escrita:

Busco então as suas preferências literárias. Qual o romancista ou romancistas do seu agrado: “Os romancistas que eu prefiro? Stendhal, por exemplo, pela sutileza do seu pensamento; Zola, pela envergadura épica dos seus processos; e o inglês Meredith pela profunda justeza da análise dos protagonistas dos seus romances, verdadeiros manequins animados, sobre os quais inalteravelmente converge a atenção e o diálogo de todas as outras figuras. Não se deve esquecer Camilo, talento complexo que só por si é uma literatura, e o Eça pela linha irónica, caricatural, que soube imprimir às suas figuras.” (CORREIA, 2008, p. 22)

A partir do que o trecho acima aponta, é inegável o diálogo entre o romance de Abel Botelho e Émile Zola. Apesar disso, não podemos reduzir o romance português a uma cópia.

Santiago (2000, p. 18) aponta, criticando, que o antigo estudo de fontes e influências tende a enxergar as obras produzidas nas periferias como “projetos parasitas”: “O lugar do projeto parasita fica ainda e sempre sujeito ao campo magnético aberto pela estrela principal e cujo movimento de expansão esmigalha a originalidade de outro projeto e lhe empresta *a priori* um significado paralelo e inferior.” A estrela principal, na analogia feita pelo autor, são os modelos romanescos produzidos na França, como a obra de Zola, por exemplo. Este capítulo da dissertação se baseará nas teorias dos estudos comparados mais recentes, que rejeitam a perspectiva dos estudos de fontes e influências. Procuraremos mostrar que a construção do personagem de Botelho não está em posição inferior ao personagem criado por Zola, mas que possui particularidades e qualidades próprias.

No romance *Germinal* o personagem principal é Étienne, e sua trajetória tem início com a visão da vila de Montsou: “Havia uma hora que ele caminhava assim, quando percebeu à esquerda, a dois quilômetros de Montsou, uns clarões vermelhos, três braseiros queimando ao ar livre, e como suspensos.”⁹ (ZOLA, 1979, p. 9). E segundo o narrador “Uma única ideia lhe ocupava o cérebro vazio de operário sem trabalho e sem teto, a esperança de que o frio se tornasse menos agudo com o romper do dia.”¹⁰ (ZOLA, 1979, p. 9). Ali, em busca de um local para aquecer as mãos, encontra uma vaga de emprego e estabelece moradia. A vila, onde fica uma mina de carvão, é o local onde ocorrem todos os conflitos do romance. Novo na ocupação de mineiro Étienne aprende o ofício com aqueles homens, mulheres e crianças. Suas intenções iniciais naquele local não são as de transformar e modificar a ordem social estabelecida, ainda que depois siga por esse caminho. Já o contramestre de *Amanhã*, como já apresentamos, descende de uma família nobre descomposta pelas confiscações dos miguelistas e pela abolição dos vínculos. Não fosse pela falência do pai, e a posterior orfandade, o contato de

⁹ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Depuis une heure, il avançait ainsi, lorsque sur la gauche, à deux kilomètres de Montsou, il aperçut des feux rouges, trois brasiers brûlant au plein air, et comme suspendus.*” (ZOLA, 1906, p. 7)

¹⁰ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Une seule idée occupait sa tête vide d’ouvrier sans travail et sans gîte, l’espoir que le froid serait moins vif après le lever du jour.*” (ZOLA, 1906, p. 7)

Mateus com a classe operária seria o de patrão, mas o que realmente se passa é o amadurecimento do indivíduo ainda em tenra idade, devido à pobreza que enfrentou desde muito jovem, que fez com que o personagem tivesse uma visão mais ampla da sociedade, para além de sua classe social de origem. Enviado para uma escola religiosa, a Cedofeita, recebe a devida alfabetização e demonstra grande interesse pela leitura e escrita, destacando-se nessa última função.

O primeiro ponto de contraste entre os protagonistas é a trajetória de vida. É importante recordar que Étienne está inserido em uma genealogia proposta por Émile Zola com a série de romances “Les Rougon-Macquart”; mais especificamente, o mineiro de *Germinal* é filho do primeiro casamento de Gervaise Macquart, a protagonista do romance *L’Assomoir* (1877). Com o abandono do pai e o alcoolismo da mãe após um segundo casamento fracassado, a infância de Étienne foi bastante conturbada, portanto, podemos então supor que seu acesso à educação formal, à leitura e outras formas de erudição fora escasso. No romance *Amanhã*, por outro lado, o contramestre, como já vimos, tem desde a infância acesso a meios intelectuais, seja lendo avidamente na escola religiosa da Cedofeita, chamando a atenção dos instrutores, ou construindo posteriormente um arcabouço de leitura revolucionária e compartilhando as ideias ali expostas, chegando a publicar artigos em jornais. Além do fato de terem nascido em classes sociais diferentes e, portanto, terem tido acesso (ou não, no caso de Étienne) à educação formal, podemos também apontar uma diferença pela época em que as histórias dos romances se passam.

Para Borges (2016),

Em 1875, todo país europeu já tinha um movimento alinhado às ideias de Marx. *O Capital* foi traduzido para o francês em 1875 (o original é de 1867) e o *Manifesto Comunista* foi traduzido para seis línguas entre 1871 e 1873. Eram lidos sobretudo pelos teóricos e lideranças, ou seja, uma minoria. Étienne, assim como a maioria das personagens de *Germinal*, portanto, não poderia ter tido acesso a estas obras de Marx, visto que, no período em que a obra se passa o *Manifesto Comunista* ainda não havia sido traduzido para o francês e *O Capital* ainda não havia sido publicado. Portanto, o único acesso que trabalhadores precariamente alfabetizados (assim como Étienne) poderiam ter ao pensamento de Marx seria através de seus comentadores de língua francesa. Logo, impõe-se um filtro, visto que a maioria dos socialistas franceses não era propriamente marxista,

ainda que recebesse alguma influência de seu pensamento e vice-versa (ELEY, 2005, p. 67). (BORGES, 2016, p. 03, grifos do autor)

Como apontou o pesquisador brasileiro, no momento em que se passa a história de *Germinál*, por volta de 1870, os conceitos de socialismo, comunismo e anarquismo ainda estavam em desenvolvimento e disseminação na França. No romance de Zola isso fica claro quando Étienne, com a idade de trinta e quatro anos, em contato com a família Maheu, começa “a compreender as ideias que lhe fervilhavam na cabeça.” (ZOLA, 1979, p. 172)¹¹. Ao contestar o *status quo* burguês, toma consciência de sua ignorância, nasce então o desejo de se aprimorar e deixar de apenas se queixar, como seus companheiros faziam:

Até então não passara de um revoltado instintivo absorvendo a surda fermentação dos companheiros. Uma gama variada de perguntas confusas não o deixava em paz: por que havia tanta miséria de um lado e tanta riqueza de outro? Por que estes tinham de viver escravizados àqueles, sem a menor esperança de um dia mudarem de posição? A primeira etapa vencida foi a da compreensão de sua ignorância. Uma vergonha secreta, um desgosto oculto começaram a atormentá-lo: nada sabia, não ousava falar sobre essas coisas que eram a sua paixão, a igualdade entre os homens, a justiça que exigia que os bens da terra fossem repartidos entre todos. (ZOLA, 1979, p. 172)¹²

A história de *Amanhã*, por sua vez, ocorre décadas mais tarde, em 1894, vinte e quatro anos após os acontecimentos do romance francês. Nesse período, os movimentos socialistas, anarquistas e comunistas estavam com grupos mais ou menos estruturados e claramente diferentes. O momento em que Mateus toma consciência da desigualdade social ocorre na adolescência, após a fuga, com quatorze anos, da escola religiosa da Cedofeita, como mostra o trecho já citado e que retomamos aqui:

¹¹ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “Ce fut l'époque où Étienne entendit les idées qui bourdonnaient dans son crâne.” (ZOLA, 1906, p. 315)

¹² Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “Jusque-là, il n'avait eu que la révolte de l'instinct, au milieu de la sourde fermentation des camarades. Toutes sortes de questions confuses se posaient à lui : pourquoi la misère des uns ? pourquoi la richesse des autres ? pourquoi ceux-ci sous le talon de ceux-là, sans l'espoir de jamais prendre leur place ? Et sa première étape fut de comprendre son ignorance. Une honte secrète, un chagrin caché le rongèrent dès lors : il ne savait rien, il n'osait causer de ces choses qui le passionnaient, l'égalité de tous les hommes, l'équité qui voulait un partage entre eux des biens de la terre.” (ZOLA, 1906, p. 315)

Foi a mesma dureza da sua condição que lhe temperou o carácter. Depois, o vivo sentimento das necessidades presentes, algumas irreduzíveis, fecundou e engrossou os gérmenes de revolta colhidos na angustiosa lição da infância, nas lembranças deprimentes do passado. Assim cresceu e se formou, de reigota sempre contra o destino, como um titânico remador, e por cada novo triunfo mais e mais azimado o coração dum grande travo de amargura. Assim impubesceu, sem desfalências e sem risos, sem distrações sensuais, olhando sempre alto e na frente, na mais infantil e cândida despreocupação do amor. Fez-se à custa de muita dor represa de muita lágrima chorada a cristalização estóica da sua alma. E daí lhe veio essa atenção particular pelos quadros de miséria, a sua grande curiosidade enternecida pelos que sofriam, a sua fúria iconoclasta pelas iniquidades sociais. (BOTELHO, 1982, p. 185)

As circunstâncias da conscientização de cada personagem são diferentes, mas chamamos a atenção para a idade. O momento de iluminação à mente de Étienne ocorre numa idade avançada, enquanto para Mateus é na adolescência. Além disso, a questão da escolaridade para ambos é oposta. Mateus tem seu percurso formativo descrito com detalhes no romance. Desde a infância era uma “admirável criança, duma inteligência prodigiosa e rara, duma precocidade fenomenal, não havia nada que não perguntasse; aquilo que lhe encobriam, adivinhava-o; tudo inquiria, tudo notava, tudo queria saber.” (BOTELHO, 1982, p. 180). Essa inteligência é destacada em diversos momentos, sendo inclusive uma forma de sobrepor-se aos outros operários e justificar o seu ego inflado, como já apresentamos anteriormente, no trecho da Escola Politécnica e da discussão com Lourenço. Já em *Germinal*, Étienne busca arduamente se intelectualizar, para se desvencilhar da vergonha causada por sua ignorância:

Por isso, começou a estudar, sem método, como fazem aqueles que são ignorantes mas têm sede de saber. Entabulou uma correspondência regular com Pluchart, mais instruído e a par do movimento socialista. Encomendou livros cuja leitura mal digerida acabou por exaltá-lo, sobretudo um livro de medicina, *Higiene do Mineiro*, em que um médico belga fazia o resumo das doenças de que morrem os trabalhadores das hulheiras, sem contar os tratados de economia política de uma aridez técnica incompreensível, folhetos anarquistas que o perturbavam, números antigos de jornais que lia e guardava a seguir como argumentos irrefutáveis em possíveis discussões. Também Suvarin lhe emprestava livros, e a obra sobre sociedades cooperativas fizera-o sonhar durante um mês com uma associação universal de intercâmbio, abolindo o dinheiro e baseando

toda a vida social no trabalho. A vergonha de sua ignorância foi cedendo lugar a um certo orgulho desde que sentia que pensava. (ZOLA, 1979, p. 172-173)¹³

Neste último trecho identificamos a presença dos ideais anarquistas e socialistas nos estudos de Étienne, apesar de não haver uma alusão explícita ao comunismo de Marx. Em *Amanhã*, a referência a Marx é mais clara, pois Mateus leu *O Capital* e chega a citá-lo em uma aula na Escola Politécnica, assim como leu diversos autores referências no pensar anarquista e socialista, optando claramente pelo viés revolucionário proposto por Bakunin e Kropotkin. Também é possível compreender que o orgulho exprimido por Étienne não é soberbo, tal qual o do Mateus, mas está relacionado ao seu reconhecimento como um homem que pensa e sente e à alegria de ter tido acesso ao conhecimento e à compreensão do funcionamento da sociedade. Nesse sentido, o personagem se aproxima de outros operários, descritos de maneira animalizada – “tal excesso de misérias só serviam para torná-los ainda mais obstinados, mudos, verdadeiros animais acuados, preferindo morrer no fundo da toca a sair” (ZOLA, 1979, p. 266)¹⁴ –, para tirá-los da ignorância e humanizá-los. Dado isso, a interação de Étienne com os moradores de Montsou é bem próxima, liderando-os ao mesmo tempo que trabalha, junto com eles, na mina de carvão, dormindo na casa de moradores mais antigos, dividindo o fardo que carrega. Já Mateus, como contramestre da fábrica, chefiava os operários em uma posição intermediária entre o patrão e os trabalhadores. Em uma posição superior aos colegas; aparentemente tratava a todos com igualdade – “ele a todos falava, a todos conhecia; tratava a este pelo nome, àquele por qualquer epíteto familiar, àqueloutro por alcunhas filhas da profissão” (BOTELHO, 1982, p. 205) –, mas ao se deparar com um personagem que não o enxergava com tanta

¹³ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “Aussi se prit-il pour l'étude du goût sans méthode des ignorants affolés de science. Maintenant, il était en correspondance régulière avec Pluchart, plus instruit, très lancé dans le mouvement socialiste. Il se fit envoyer des livres, dont la lecture mal digérée acheva de l'exalter : un livre de médecine surtout, l'Hygiène du mineur, où un docteur belge avait résumé les maux dont se meurt le peuple des houillères ; sans compter des traités d'économie politique d'une aridité technique incompréhensible, des brochures anarchistes qui le bouleversaient, d'anciens numéros de journaux qu'il gardait ensuite comme des arguments irréfutables, dans des discussions possibles. Souvarine, du reste, lui prêtait aussi des volumes, et l'ouvrage sur les Sociétés coopératives l'avait fait rêver pendant un mois d'une association universelle d'échange, abolissant l'argent, basant sur le travail la vie sociale entière. La honte de son ignorance s'en allait, il lui venait un orgueil, depuis qu'il se sentait penser.” (ZOLA, 1906, p. 315-316)

¹⁴ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “Cet excès de misère les faisait s'entêter davantage, muets, comme des bêtes traquées, résolues à mourir au fond de leur trou, plutôt que d'en sortir.” (ZOLA, 1906, p. 495)

importância, no caso, Lourenço, utiliza sua autoridade para o coibir, indo contra o princípio anarquista de cooperação, como já apresentado.

Como citado anteriormente, o narrador de *Germinal* afirma que “folhetos anarquistas [...] perturbavam Étienne” (ZOLA, 1979, p. 172). Segundo Borges (2016), o anarquismo ganhou muitos adeptos entre grupos boêmios, e esses eram “fervorosamente combatido[s] por Zola no meio literário por terem o perfil oposto ao do escritor profissional que Zola idealizava.” (BORGES, 2016, p. 05). Abel Botelho, tal qual o escritor francês, não demonstra afeição pelo ideal anarquista. Com uma carreira militar e diplomática consolidada, o seu interesse estava voltado ao ideal republicano; segundo Almeida (1979) “teria até colaborado ‘nas reformas pedagógicas e museológicas do novo regime’ [republicano].” (ALMEIDA, 1979, p. 09), além de ter exercido a função de deputado das Constituintes pelo Círculo de Chaves, ingressando depois no Senado. Por outro lado, o anarquismo em Portugal, para Freire (1987),

[...] é sobretudo vivido *através* das peripécias da acção terrorista praticada em França, em Espanha, na Rússia ou na Itália. De resto, o período propriamente terrorista é curto, quase um episódio na vida do movimento. O que não impede que tenha crescido desmesuradamente nos imaginários sociais, tanto dos seus adeptos como dos seus adversários.

Não foi certamente o caso da bengalada de Manuel Joaquim Pinto a Pinheiro Chagas (1888) e um ou outro esboço de “propaganda pelo facto”, que terão motivado a Lei de 13 de Fevereiro de 1896, que criminalizou o anarquismo. Esta parece ter sido, em grande medida, uma lei preventiva, mais do que destinada a destruir uma ameaça em acto. (FREIRE, 1987, p. 20, grifo do autor)

É possível depreender que ambos os escritores, francês e português, eram contra o anarquismo. Naquele momento histórico Cesare Lombroso, com sua obra *Os Anarquistas* (1894), difundia a ideia de que os anarquistas eram, conseqüentemente, criminosos. Assim, é compreensível que Moisés (1961) aponte o romance *Amanhã* como sendo uma crítica irônica e sarcástica ao socialismo utópico (p. 55), mas discordamos em analisar o romance apenas sob essa perspectiva, tendo em vista os apontamentos feitos nos capítulos anteriores.

Interessa-nos a percepção dos autores, francês e português, sobre os grupos políticos que estavam se organizando naquela segunda metade do século XIX, como uma forma de compreensão da construção dos romances.

Segundo Borges (2016),

Nos diálogos entre Étienne, Rasseneur e Suvarin, Zola tenta mostrar as diferentes “esquerdas”: Étienne seria o marxista clássico, inclinado a aderir à internacional e a lutar pela revolução; Rasseneur seria o moderado, defensor da transformação social gradual, e não da revolução; Suvarin seria um anarquista extremado, niilista, defensor da destruição da sociedade existente (ZOLA, 1885, p. 149-163). Por algumas entrevistas e declarações, é razoável acreditar que Zola tivesse ideias mais próximas das de Rasseneur. (BORGES, 2016, p. 05)

Com base no apontamento acima, consideramos que o protagonista português é construído a partir de Étienne, mas, principalmente, de Suvarin. Para nós, o mineiro e o contramestre compartilham poucas características, entre elas a busca pelo conhecimento, como já visto, e a ideia da solidariedade universal. Essa última ocorre da seguinte maneira no romance francês:

Uma predisposição para a revolta o impelia [Étienne] à luta do trabalho contra o capital, numa primeira ilusão, que era produto da ignorância. Tratava-se da Associação Internacional dos Trabalhadores, da famosa Internacional que acabava de ser criada em Londres. Não havia nisso um esforço maravilhoso, uma campanha onde a justiça ia enfim triunfar? O fim das fronteiras, os trabalhadores do mundo inteiro levantando-se, unindo-se para assegurar ao operário o pão que ganha. E que organização simples e grandiosa! Embaixo a seção que representa a comuna, em seguida a federação que agrupa as seções de uma mesma província, depois a nação e por fim, no topo, a humanidade encarnada num conselho geral onde cada nação está representada por um secretário correspondente. (ZOLA, 1979, p. 150)¹⁵

¹⁵ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Mais Étienne s’enflammait. Toute une prédisposition de révolte le jetait à la lutte du travail contre le capital, dans les illusions premières de son ignorance. C’était de l’Association internationale des travailleurs qu’il s’agissait, de cette fameuse Internationale qui venait de se créer à Londres. N’y avait-il pas là un effort superbe, une campagne où la justice allait enfin triompher ? Plus de frontières, les travailleurs du monde entier se levant, s’unissant, pour assurer à l’ouvrier le pain qu’il gagne. Et quelle organisation simple et grande : en bas, la section, qui représente la commune ; puis, la fédération, qui groupe les sections d’une même*”

No romance português Mateus expande a noção de solidariedade e não se prende à Internacional, discordando da percepção de que a organização assuma o papel do Estado: “– Eu já outro dia vo-lo disse, o Estado é uma pura excrescência que vive à custa de todos nós. Dispensa-se... Ele nada nos faz, nada nos traz de bom...” (BOTELHO, 1982, p. 46). Para o contramestre a união universal tem por base a esperança, mas, principalmente, o ato heroico de sacrifícios – motivo pelo qual defende a revolução proletária por meio do atentado bombista:

Para onde quer que volteis, no vosso anseio libertador, os olhos, aí vereis o aceno animador de irmãos... e irmãos tanto mais para admirar e amar, para gravar no coração e seguir no exemplo, que eles há muito servem com alma a nossa causa comum... e enquanto vós aqui, moles e indecisos, palavrosamente desperdiçais o tempo, lutam eles com fé e ardor, lutam deveras... arriscando tranquilidade, haveres, posição, família, jogando a reputação, perdendo a vida... mártires no sacrifício e heróis no desespero com que à conquista se votam cegamente desse grande princípio igualitário – o Sol do dia de amanhã! – que deve ser o lema, a bandeira, o norte, o ideal de todos nós! (BOTELHO, 1982, p. 45)

Outra característica compartilhada entre Mateus e Étienne é o sentido mítico. No primeiro capítulo desta dissertação tratamos do messianismo no romance português; Mitterand (1980), por sua vez, aponta sobre Étienne:

É um homem que [...] vem de outro lugar, e que continua um estrangeiro, por muitas de suas características: sua instrução, seu orgulho de homem frente ao rebanho, sua vontade de lutar, seus instintos hereditários de violência, o sonho que ele tem de se tornar um chefe popular, o próprio fracasso do seu apostolado, que o transforma em uma espécie de Cristo incompreendido... (MITTERAND, 1980, p. 136, tradução nossa)¹⁶

province ; puis, la nation, et au-dessus, enfin, l'humanité, incarnée dans un Conseil général, où chaque nation était représentée par un secrétaire correspondant.” (ZOLA, 1906, p. 272)

¹⁶ Do original: “C’est un homme qui [...] vient d’ailleurs, et qui demeure un étranger, par beaucoup de ses traits: son instruction, so orgueil d’homme face au troupeau, sa volonté de combat, ses instincts héréditaires de violence, le rêve qu’il fait de devenir un chef populaire, l’échec meme de son apostolate, qui le transforme en une sorte de Christ incompris...” (MITTERAND, 1980, p. 136)

Além das características dispostas de Mateus e Étienne, predomina no protagonista de *Amanhã* a postura revolucionária, que pode ser aproximada com maior facilidade da de Suvarin. O discurso político do anarquista russo, em discussão com o mineiro francês, é base para nossa compreensão:

[...] Antes de seis meses a terra seria conquistada e ditar-se-iam as leis aos patrões se eles se fizessem de espertos.

– Bobagens! – repetiu Suvarin. – Esse Karl Marx de vocês ainda acredita que se deve agir as forças naturais. Nada de política, nada de conspiração, não é isso? Tudo feito abertamente, luta só pela subida dos salários... Não quero ter nada que ver com essa evolução de vocês. Incendeiem as cidades, ceifem os povos, arrasem tudo, e, quando não sobrar mais nada deste mundo podre, talvez nasça outro melhor dos escombros.

Étienne pôs-se a rir. Nem sempre prestava atenção às palavras do companheiro; essa história de destruição parecia-lhe uma atitude para impressionar. Rasseneur, mais prático, com um bom senso de homem de negócios, nem sequer se zangou. (ZOLA, 1979, p. 150-151)¹⁷

Étienne idealiza o momento em que um grupo operário, segundo o ideal comunista, assumirá o comando e implantará novas leis, mas Suvarin expõe que dessa forma nada se conseguirá, e que a real mudança só ocorrerá quando a revolução colocar fim a todas as formas de exclusão – via cidades, povos – e que pelo ideal de cooperação iniciar-se-á uma nova organização social. Para o protagonista do romance francês a proposta de Suvarin é cômica, e ele até ignora a fala do russo. Nesse sentido, compreendemos que Mateus não ignoraria tal posicionamento, pelo contrário, estaria em êxtase com a fala de Suvarin, compartilhando com ele a mesma ideia revolucionária, bem como o apreço por Bakunin, que Suvarin chama de “o exterminador” (ZOLA, 1979, p. 251).

¹⁷ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “– Des bêtises ! répéta Souvarine. Votre Karl Marx en est encore à vouloir laisser agir les forces naturelles. Pas de politique, pas de conspiration, n'est-ce pas ? tout au grand jour, et uniquement pour la hausse des salaires... Fichezmoi donc la paix, avec votre évolution ! Allumez le feu aux quatre coins des villes, fauchez les peuples, rasez tout, et quand il ne restera plus rien de ce monde pourri, peut-être en repoussera-t-il un meilleur. Étienne se mit à rire. Il n'entendait pas toujours les paroles de son camarade, cette théorie de la destruction lui semblait une pose. Rasseneur, encore plus pratique, et d'un bon sens d'homme établi, ne daigna pas se fâcher.” (ZOLA, 1906, p. 272-273)

Outro exemplo de como Suvarin e Mateus têm personalidades e ideias próximas é a compreensão que o personagem russo tem sobre o relacionamento amoroso, considerando-o como fraqueza:

Étienne gostava de brincar com ele a respeito das mulheres; jurava tê-lo visto como uma gradadora nos trigais para os lados dos Bas-de-Soie. O russo então encolhia os ombros, numa indiferença tranquila. Uma gradadora, para quê? A mulher, para ele, era como um rapaz, um camarada, quando possuía a coragem e a fraternidade do homem. Não, não permitia que seu coração sucumbisse a tais fraquezas. Mulher, amigo... não queria união alguma. Libertara-se de todos os laços com o seu próprio sangue e com o sangue dos outros. (ZOLA, 1979, p. 149)¹⁸

Em *Amanhã*, assim como Suvarin, Mateus reflete sobre a posição da mulher:

Exclusivos apóstolos do bem da Humanidade, dentro desta era para eles a mulher um ente degradado e mesquinho, “o animal de cabelos compridos e ideias curtas” de Spencer: própria para lhe votarmos apenas o minuto indispensável à procriação, mas não devendo nunca merecer-nos os exageros de culto, as aviltantes demasias sentimentais que são o mais abjecto sintoma da discrasia moral do homem. Nada, não podia ser... Mero instrumento fisiológico, a mulher nunca deveria ser tirânico motivo de sujeição à nossa alma. Aí estava bem fulminante a condená-las a História, onde de ordinário as mulheres não têm sido, como Dalila, como Ônfale, mais do que daninhos agentes de retrocesso social. E só muito raramente essa nociva jaça transmuta em oiro, e a sua missão alcança voos de sublime, quando, a exemplo de Joana D’Arc, de Vera Zassulitch, de Sofia Perowskaia, as mulheres abandonam num iluminado impulso as vantagens da sua posição social, os confortos e regalos da vida para se dedicarem até ao martírio, para se sacrificarem até à morte, no santo empenho de melhorar a sorte e conquistar a alforria moral aos seus ínfimos irmãos na escala da fortuna. (BOTELHO, 1982, p. 176-177)

O anarquista do romance francês enxerga a mulher como amiga quando ela possui “coragem e fraternidade do homem”, qualidades que são para ele, portanto,

¹⁸ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Son compagnon le plaisantait aussi sur les filles, jurait l’avoir vu avec une herscheuse dans les blés, du côté des Bas-de-Soie. Alors, il haussait les épaules, plein d’une indifférence tranquille. Une herscheuse, pour quoi faire ? La femme était pour lui un garçon, un camarade, quand elle avait la fraternité et le courage d’un 269 homme. Autrement, à quoi bon se mettre au cœur une lâcheté possible ? Ni femme, ni ami, il ne voulait aucun lien, il était libre de son sang et du sang des autres.*” (ZOLA, 1906, p. 269-270)

transformadoras da mulher em um homem; além disso, sugere uma percepção da mulher como frágil e egoísta. Outro ponto que chamamos a atenção é o fato de que ele não almeja dar continuidade ao legado de sua miséria – para utilizarmos as palavras de Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* –, quebrando o ciclo da hereditariedade. O anarquista português, por sua vez, reproduz o mesmo discurso de Suvarin, de que a mulher para ser reconhecida socialmente, como um homem, deveria assumir a postura de heroína e se sacrificar por uma missão, que não a de seduzir um homem para casar e constituir família, mas a de conquistar a “alforria moral aos seus ínfimos irmãos”. Esse pensamento é também motivo de conflito para o contramestre, como já apontado, em sua relação com Adriana.

Até aqui compreendemos que o personagem de Mateus é construído com traços característicos de Étienne, o líder mineiro de *Germinal*, e de Suvarin, o mecânico anarquista vindo da Rússia. É verdade que em um determinado momento do romance de Zola, o mineiro está confuso: “misturavam-se nele as reivindicações práticas de Rasseneur com as violências destrutoras de Suvarin.” (ZOLA, 1979, p. 173). Retomando a citação de Borges (2016), o autor aponta que Rasseneur defenderia a transformação gradual, não da revolução; assim, o personagem passa a ser um ponto de contestação às ideias do protagonista francês. O que fica claro quando Étienne anuncia a vinda de Pluchart, um delegado da Internacional, para a vila de Montsou, e o taberneiro Rasseneur se opõe, causando uma discussão:

– Se queres saber, eu também lhe escrevi uma carta; nela pedi-lhe que não viesse. É isso. Acho que temos de decidir nossos problemas entre nós, sem apelar para estranhos.

[...]

– Fiz, sim, senhor. E tu sabes como tenho confiança em Pluchart! É leal e sabe muitas coisas, a gente pode contar com ele... Mas as ideias de vocês não me interessam. Política, governo, tudo isso não me interessa... Desejo apenas que o mineiro tenha um tratamento mais digno. Trabalhei no fundo da mina durante vinte anos, suei tanto de miséria e cansaço que jurei conseguir uma vida melhor para os infelizes que ainda estão lá embaixo. Sei muito bem que nada obterão com essas histórias de vocês, o que farão é apenas tornar a vida do operário ainda mais miserável. Quando ele for obrigado pela fome a voltar ao trabalho, será mais humilhado ainda, a companhia o receberá a porrete, como cão fugido que se faz voltar ao canil. E é isso que eu quero evitar, compreendeste?

[...] Então não era estúpido acreditar que se podia de um golpe mudar a face do mundo, pôr os operários no lugar dos patrões, repartir o dinheiro como se reparte uma maçã? Talvez dentro de milhares e milhares de anos isso fosse uma realidade. Mas, por enquanto, que o deixassem em paz, sem soluções miraculosas! A melhor maneira de não quebrar o nariz era andar direito, exigir as reformas que fossem viáveis, tentar melhorar a vida dos trabalhadores quando se apresentasse a ocasião. Assim é que ele agiria se estivesse com o caso em mãos, obrigando a companhia a dar melhores condições aos trabalhadores, em vez de obstinar-se em mandá-la ao diabo, o que resultaria na desgraça de todos.

Étienne tinha-o deixado falar, já que ele estava sufocado pela indignação. Mas, em seguida, explodiu:

– Com mil raios! Então tu tens sangue nas veias? (ZOLA, 1979, p. 246)¹⁹

O trecho disposto acima é extenso para que possamos compreender como a mesma cena também está disposta no romance português, e assim analisar os protagonistas e seus contestadores. Dado isso, o entendimento de Rasseneur sobre a revolução se assemelha ao de Gomes, o boticário indiano de *Amanhã*. O personagem do romance português representa um contraponto ideológico ao anarquismo revolucionário de Mateus, e em uma de suas falas é possível identificar a proximidade com o discurso do taberneiro francês:

¹⁹ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “– C’est que, moi aussi, je lui ai envoyé une lettre, si tu veux que je te le dise ; et, dans cette lettre, je l’ai supplié de ne pas venir... Oui, je trouve que nous devons faire nos affaires nous-mêmes, sans nous adresser aux étrangers.

[...]

– J’ai fait ça, parfaitement ! Et tu sais pourtant si j’ai confiance en Pluchart ! C’est un malin et un solide, on peut marcher avec lui... Mais, voistu, je me fous de vos idées, moi ! La politique, le gouvernement, tout ça, je m’en fous ! Ce que je désire, c’est que le mineur soit mieux traité. J’ai travaillé au fond pendant vingt ans, j’y ai sué tellement de misère et de fatigue, que je me suis juré d’obtenir des douceurs pour les pauvres bougres qui y sont encore ; et, je le sens bien, vous n’obtiendrez rien du tout avec vos histoires, vous allez rendre le sort de l’ouvrier encore plus misérable... Quand il sera forcé par la faim de redescendre, on le salera davantage, la Compagnie le paiera à coups de trique, comme un chien échappé qu’on fait rentrer à la niche... Voilà ce que je veux empêcher, entends-tu ! Il haussait la voix, le ventre en avant, planté carrément sur ses grosses jambes. Et toute sa nature d’homme raisonnable et patient se confessait en phrases claires, qui coulaient abondantes, sans effort. Est-ce que ce n’était pas stupide de croire qu’on pouvait d’un coup changer le monde, mettre les ouvriers à la place des patrons, partager l’argent comme on partage une pomme ? Il faudrait des mille ans et des mille ans pour que ça se réalisât peut-être. Alors, qu’on lui fichât la paix, avec les miracles ! Le parti le plus sage, quand on ne voulait pas se casser le nez, c’était de marcher droit, d’exiger les réformes possibles, d’améliorer enfin le sort des travailleurs, dans toutes les occasions. Ainsi, lui se faisait fort, s’il s’en occupait, d’amener la Compagnie à des conditions meilleures ; au lieu que, va te faire fiche ! on y crèverait tous, en s’obstinant. Étienne l’avait laissé parler, la parole coupée par l’indignation. Puis, il cria : – Nom de Dieu ! tu n’as donc pas de sang dans les veines ?” (ZOLA, 1906, p. 456-458)

– Cá o que a minha razão me diz é que, pelo menos no campo económico, que é afinal, socialmente, o que mais interessa, esse revoltante e odioso antagonismo [entre as classes sociais] não existe.

– É uma contumaz cegueira essa! – exclamou, sinceramente irritado, o contramestre, cruzando os braços com violência e demandando num agastamento o vão da janela.

– Será. Mas o certo é que eu não consigo enxergar a tal tão radical e tão infamada antinomia entre “a mão calosa do operário” e a arrogância egoísta do pequeno burguês, estúpido e avaro. São tudo coisas para rir, à força de estafadas e gastas no epiléptico zabumbar da vossa propaganda!

– Só a minha paciência...

– Que eu não sei nada disto... é o teu Bernstein quem mo diz! – insistia com espiritual ironia o Gomes, que tinha vindo ao vão da janela também, apoiados os rins contra o parapeito, e a sua bela cabeça grisalha acesa pela carinhosa toalha do luar em doces centelhações de prata. – Mas não há, não... nem há diferenças de essência ou carácter, nem anomalias profundas de condição, na passagem dum para outro desses dois degraus na escada social. Repara que a transição está-se fazendo gradativa e suavemente, dia a dia, sem um sobressalto, sem um atrito sério. O proletário, o pária, o miserável de hoje, se acerta em viver com parcimónia e trabalha com indústria e tino, em pouco tempo junta um pequeno pecúlio, valoriza em bens imóveis o rendimento do seu coeficiente individual, e ei-lo feito um burguês... Subiu um furo na escala, sem abalos nem cruzezas... sem precisar de matar nem de roubar, melhorou de situação. E, assim, como queres tu que os que vivem do salário invejem e odeiem uma condição que eles sentem tão próxima da sua, cuja relativa prosperidade é ao seu esforço tão fácil de alcançar?

– Tão fácil que se torna mister correr ondas de sangue para o conseguir! (BOTELHO, 1982, p. 391-392)

Identificamos no seguinte excerto do romance *Germinal* uma percepção ingênua de Rasseneur:

Trabalhei no fundo da mina durante vinte anos, suei tanto de miséria e cansaço que jurei conseguir uma vida melhor para os infelizes que ainda estão lá embaixo. Sei muito bem que nada obterão com essas

histórias de vocês, o que farão é apenas tornar a vida do operário ainda mais miserável. (ZOLA, 1979, p. 246)²⁰

O taberneiro esperou por vinte anos a oportunidade de se libertar da mina, estando disposto a esperar muito mais para libertar seus colegas; sem ainda formular uma maneira de viabilizar tal ideia, ele se recusa a aumentar a desordem para conseguir uma posição (ZOLA, 1979, p. 248). Após ter saído da mina e montado sua taberna, o personagem passa também a ser explorador, e mais uma parte integrante da engrenagem capitalista; assim, como ele conseguiu ascender socialmente, espera que todos os outros mineiros também o façam. Ao passo que Gomes, no excerto do romance *Amanhã*, demonstra ter um embasamento teórico – cita Bernstein, um marxista convertido ao liberalismo econômico – e um “sistema”, usando o termo de Étienne, para transformar a vida operária lisboeta. Com sua ideia reduz as condições de vida operária ao valor econômico; para o indiano não existe diferença entre o operário e o burguês, dando a entender que todos teriam as mesmas condições de, aos poucos, angariar terras, poupar fundos e que um dia todos seriam iguais, burgueses.

No romance de Zola, Étienne se enfurece com Rasseneur, e “por um instante pensou que ia esbofeteá-lo. Para resistir à tentação, começou a andar furiosamente pela sala, aliviando sua raiva nos bancos, através dos quais abria passagem” (ZOLA, 1979, p. 247)²¹; enquanto isso, “Suvarin, que os escutava, deixou transparecer no seu rosto de moça loura um silencioso desprezo, o esmagador desprezo do homem que está pronto a dar a vida, obscuramente, sem a glória do martírio.” (ZOLA, 1979, p. 249)²². No romance português, por outro lado, Mateus não se rebela contra o indiano, mas de maneira irônica o rebate, inclusive desdenhando do jejum de três dias a que Gomes se pôs, típico da tradição indiana hindu, o que

²⁰ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*J’ai travaillé au fond pendant vingt ans, j’y ai sué tellement de misère et de fatigue, que je me suis juré d’obtenir des douceurs pour les pauvres bougres qui y sont encore ; et, je le sens bien, vous n’obtiendrez rien du tout avec vos histoires, vous allez rendre le sort de l’ouvrier encore plus misérable...*” (ZOLA, 1906, p. 457)

²¹ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Un instant, il l’aurait giflé ; et, pour résister à la tentation, il se lança dans la salle à grands pas, il soulagea sa fureur sur les bancs, au travers desquels il s’ouvrait un passage.*” (ZOLA, 1906, p. 458)

²² Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Et Souvarine, qui les écoutait, laissa voir, sur son visage de fille blonde, un mépris silencieux, l’écrasant mépris de l’homme prêt à donner sa vie, obscurément, sans même en tirer l’éclat du martyre.*” (ZOLA, 1906, p. 462)

fica claro em sua fala “– Temos um rival do Succi? Deste-te agora a ensaiar habilidades de ‘faquir’ ?” (BOTELHO, 1982, p. 383).

Étienne demonstra incerteza em relação à revolução, mas o sentimento de esperança, de cuidado com aqueles mineiros, faz com que ele leve à frente o seu plano. De outro modo, Mateus vê na revolução uma necessidade inexorável, tal qual Suvarin. Dessa forma, demonstra-se mais uma vez que a personalidade do contramestre não é construída apenas com base na de Étienne, mas em grande parte na de Suvarin.

A modificação política esperada por Étienne e Mateus tem consequências diferentes nos romances. O protagonista francês, enquanto saía da vila de Montsou, reflete que o confronto ocorrido entre os mineiros e capatazes, findando em tijolos vs armas, serve de ensinamento, pois agora,

[...] debaixo do chão, muito no fundo, a setecentos metros, parecia-lhe ouvir golpes surdos, regulares, constantes: eram os companheiros que vira descer, os negros companheiros que vira descer, os negros companheiros que cavavam, cheios de um ódio silencioso. Sem dúvida tinham sido derrotados, pois haviam deixado dinheiro e mortos, mas Paris não esqueceria os tiros da Voreux, o sangue do império também correria por aquela ferida incurável. E, se a crise industrial chegasse ao fim, se as fábricas reabrissem uma a uma, não tinha importância, o estado de guerra continuaria, a paz agora era impossível. Os mineiros já sabiam quantos eram, já conheciam sua força, tinham sacudido com seu grito de justiça os operários da França inteira. A derrota deles não trazia segurança para ninguém; os burgueses de Montsou viram sua vitória minada pelo surdo mal-estar das sequelas da greve, e olhavam para trás, suspeitando de que seu fim continuava a espreitá-los, inevitável, do mais recôndito daquele grande silêncio. Eles compreendiam que a revolução renasceria sem descanso, talvez mesmo amanhã, com a greve geral, a união de todos os trabalhadores resultando em caixas de socorros que os levariam a aguentar por muitos meses comendo pão. Desta última vez, fora um empurrão dado na sociedade em ruínas, e tinham sentido perfeitamente o chão fugindo sob seus pés, sentiam formarem-se outras convulsões, sempre outras, até que esse velho edifício abalado desmoronasse, tragado como a Voreux, sorvido pelo abismo. (ZOLA, 1979, p. 533-534)²³

²³ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Sous la terre, là-bas, à sept cents mètres, il lui semblait entendre des coups sourds, réguliers, continus : c’étaient les camarades qu’il venait de voir descendre, les camarades noirs, qui tapaient, dans leur rage silencieuse. Sans doute ils étaient vaincus, ils y avaient laissé de l’argent et des morts ; mais Paris n’oublierait pas les coups de feu du Voreux, le sang de l’Empire lui aussi coulerait par cette blessure inguérissable ; et, si la crise industrielle tirait à sa fin, si les usines rouvraient une à une, l’état de guerre n’en restait pas moins*

Para Étienne, a tentativa de revolução, ainda que não tenha sido bem sucedida, teve como função retirar os mineiros da ignorância e aumentar a organização popular. Com isso, os burgueses “compreendiam que a revolução renasceria sem descanso”. Assim, conscientes, os “homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra.” (ZOLA, 1979, p. 535)²⁴. O germinar é uma metáfora utilizada para descrever uma nova consciência política, e a escolha do título ressalta essa interpretação. Segundo Bouillet (1865), *Germinal* é o nome dado ao sétimo mês de um calendário instituído em 22 de setembro de 1792, data da proclamação “de la République Française” (p.68). Os nomes dos meses nesse calendário são referentes às estações (outono, inverno, primavera e verão) e períodos de colheita; no caso, o mês de referência escolhido para nomear o romance é o primeiro da estação primaveril, momento de renovação da terra e o ressurgimento da vida.

Como já apresentamos, os últimos momentos do romance português são trágicos, revelam a fragilidade do protagonista e a interferência de Adriana, que impede o atentado bombista, frustrando o projeto revolucionário. Assim, o final de *Amanhã* não é otimista como o de *Germinal*, pois se entende que a revolução não é possível de ocorrer, pelo menos não da maneira como foi idealizada e organizada por Mateus. Nesse sentido, o título pode ser considerado irônico, ao referenciar um futuro que não será possível via o anarquismo defendido pelo protagonista, o que se confirma pela atuação republicana do autor.

déclaré, sans que la paix fût désormais possible. Les charbonniers s'étaient comptés, ils avaient essayé leur force, secoué de leur cri de justice les ouvriers de la France entière. Aussi leur défaite ne rassurait-elle personne, les bourgeois de Montsou, envahis dans leur victoire du sourd malaise des lendemains de grève, regardaient derrière eux si leur fin n'était pas là quand même, inévitable, au fond de ce grand silence. Ils comprenaient que la révolution renaîtrait sans cesse, demain peut-être, avec la grève générale, l'entente de tous les travailleurs ayant des caisses de secours, pouvant tenir pendant des mois, en mangeant du pain. Cette fois encore, c'était un coup d'épaule donné à la société en ruine, et ils en avaient entendu le craquement sous leurs pas, et ils sentaient monter d'autres secousses, toujours d'autres, jusqu'à ce que le vieil édifice, ébranlé, s'effondrât, s'engloutît comme le Voreux, coulant à l'abîme.” (ZOLA, 1906, p. 1006-1007)

²⁴ Tradução de Francisco Bittencourt (1979), do original: “*Des hommes poussaient, une armée noire, vengeresse, qui germait lentement dans les sillons, grandissant pour les récoltes du siècle futur, et dont la germination allait faire bientôt éclater la terre.*” (ZOLA, 1906, p. 1010)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abel Botelho, escritor e diplomata republicano, está inserido em um momento epigonal da estética naturalista portuguesa. As obras da série de livros intitulada “Patologia Social” foram publicadas entre 1891 e 1910, em um contexto em que os preceitos naturalistas ainda estavam vigentes, apesar de estarem começando a sair de moda. Assim, o autor propõe uma análise das “patologias” causadoras dos males que assolavam a sociedade portuguesa em finais do século XIX, revisitando os ensinamentos de Émile Zola. *Amanhã* (1901), o terceiro romance da série é, talvez, o menos estudado entre as publicações do autor, o que nos motivou a analisar essa obra de maneira mais detida, sobretudo a partir da trajetória do protagonista, que representa a ascensão dos movimentos sociais anarquistas em Portugal.

No primeiro capítulo, analisamos o percurso de Mateus, o contramestre de uma fábrica de tecelagem. Alguns estudiosos consideram que a dissolução familiar seja o conflito causador da patologia “da exagerada vida mental, raiando a paranóia” (MOISÉS, 1961, p. 24), que justificaria a presença de *Amanhã* na série “Patologia Social”. A nosso ver, no entanto, o romance traz questões muito mais interessantes do que o simples retrato de uma patologia. Ainda que Abel Botelho não defenda a revolução anarquista, o narrador acaba por fazer uma crítica à exploração dos trabalhadores e à vida dura da classe operária portuguesa, por meio de um personagem que se interessa pelos ideais do anarquismo. Imbuído de sua missão revolucionária, Mateus se vê como uma espécie de Messias, um redentor da classe operária, o que nos fez analisar um tema recorrente da literatura portuguesa do final do século XIX, o messianismo. Contudo, como procuramos mostrar, a personalidade do protagonista é construída de forma por vezes contraditória, o que pode ser visto como uma crítica do autor a esse tema em voga na época.

No segundo capítulo, ressaltamos a importância de Adriana Meireles, a protagonista feminina, como um ponto de conflito do personagem. Ela o faz questionar sobre viver a revolução que de longa data programava, ou o amor que, até então, não lhe havia sido oferecido por ninguém. Nos diálogos entre os personagens, procuramos explicitar que a dualidade entre Adriana e Mateus está além da diferença de classes sociais, mas principalmente no campo das ideias. A

personagem feminina defende um discurso romântico, ao passo que o contramestre tenta seguir os preceitos anarquistas, de renúncia aos relacionamentos amorosos, em prol de seu ideal revolucionário, o que nos fez refletir sobre a filosofia schopenhaueriana, apontada por Santana (2007) como um ponto de convergência no naturalismo português em final do século XIX. Além disso, Adriana propõe mudanças relacionadas à caridade, de forma a diminuir um pouco o sofrimento dos trabalhadores, mas mantendo o *status quo*, enquanto Mateus defende uma transformação social profunda via o ideal anarquista. Assim, a personagem feminina está em condição oposta à do contramestre, e representa decisiva influência no clímax do romance, frustrando a revolução.

No terceiro capítulo, apresentamos uma análise comparada entre *Germinal* e *Amanhã*, onde procuramos explicitar as peculiaridades da obra portuguesa. Em nossa análise, mostramos que o protagonista de Abel Botelho possui alguns pontos de contato com o protagonista de Émile Zola e muitas diferenças, mas a sua defesa de uma mudança radical da sociedade por meio de uma revolução o aproxima mais de Suvarin, o anarquista russo de *Germinal*. No romance francês, o mineiro Étienne é considerado, em seus momentos finais, como um símbolo de esperança, aquele que retirou o povo da sua ignorância, assim dando ferramentas para que possam germinar do fundo das minas, regados com o sangue burguês, tal como cantado no hino que embalou o exército de Marselha durante a Revolução Francesa (1789-1799), “que o sangue impuro banhe nossos campos!”²⁵. No romance português, o fim do contramestre Mateus, via o suicídio, é um símbolo do fracasso do anarquismo em Portugal, sugerindo não ser possível alcançar o dia de amanhã, ou seja, uma sociedade mais justa por meio de uma revolução, pois a morte é iminente.

Consideramos que este estudo propõe uma nova percepção sobre o romance *Amanhã*, mas também sobre a produção do escritor naturalista Abel Botelho, autor pouco lido e que merece uma maior atenção da crítica literária. Foi nosso intuito ressaltar que, ao tentar encaixar o romance na estética naturalista, focando apenas na análise patológica, a tradição crítica excluiu o que há de mais interessante no único romance do autor – e, provavelmente, da literatura portuguesa da virada do

²⁵ Do original: “Qu'un sang impur abreuve nos sillons!”

século XIX para o XX –, que retrata a vida operária, sendo, segundo Santana (2007), aquele que mais legitimamente se pode chamar de *roman ouvrier* em Portugal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Justino Mendes de. Abel Botelho (1855-1917). Escorço biobibliográfico e estudo linguístico. Prefácio. In: BOTELHO, Abel. **Obras de Abel Botelho**. Porto: Lello & Irmão – Editores, v.1, 1979. p. 05-50.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz de. **Literatura naturalista, moralidade e natureza**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_4aadcf1d9df7025c6d76f3f0ef726f96/Details. Acesso em: 10 fev. 2016.
- ALVES, Olímpia Rosa. **Homoerotismo em O Barão de Lavos e Bom-Crioulo**. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_9716fba427a15724647f5b2b870a9770. Acesso em: 30 out. 2019.
- AULETE, Caldas. **Aulete digital**: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BESSELAAR, José Van Den. **O Sebastianismo** – História Sumária. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1987.
- BAKUNIN, Mikhail. **Revolução e liberdade**. Cartas de 1845 a 1875. Tradução e organização de Plínio Augusto Coêlho. Introdução de Felipe Corrêa. São Paulo: Hedra, 2010.
- BORGES, Rilton Ferreira. O presente do trabalho e o futuro dos trabalhadores: percepções do tempo em *Germinal*, de Émile Zola. In: **XV Encontro Regional de História – ANPUH-Rio**. 100 anos da Guerra do Contestado: historiografia, acervos e fontes. Curitiba, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466467044_ARQUIVO_Anpuh-PR2016.pdf. Acesso em: 25/01/2020
- BOTELHO, Abel. **Amanhã**. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1982.
- BOUILLET, Marie-Nicolas. **Atlas universel d'histoire et de géographie**. vol. 1. Paris: Hachette, 1865, p. 68-70. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=fOgOAAAAQAAJ&hl=pt&pg=GBS.PA69>. Acesso em: 05 fev. 2020
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CORREIA, Anabela Barros. **O espelho deformante: imagens do grotesco em *Fatal Dilema***, de Abel Botelho. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_3f1dc871df8a7055861334e312cfbfa9. Acesso em: 20 out. 2019.

ESCOBAR, Simone Cristina Manso. **Abel Botelho – Escritor “de entre tempos”**: Literatura e Artes Plásticas em diálogo. Tese (Doutorado em Literaturas Portuguesa e Africanas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014a. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/21-EscobarSCM.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

ESCOBAR, Simone Cristina Manso. **O Barão de Lavos: do belo ao grotesco: uma análise comparativista do romance de Abel Botelho**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014b. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7071. Acesso em: 30 ago. 2017.

ESCOBAR, Simone Cristina Manso. *Amanhã: um testemunho do socialismo português*. **O Marrare**, n. 13, ano 10, p. 1-16, 2º sem. 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/pdfs/simone.pdf>. Acesso em: 31 out. 2019

FERNANDES, Annie Gisele. As respostas da *intelligentsia* lusitana ao Portugal de fins de oitocentos: o nacionalismo e o messianismo literários. **Via Atlântica**, n. 6, p. 29-44, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49740>. Acesso em: 31 out. 2019.

FONSECA, Carlos da. **História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal**. v. I – Cronologia. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1979a.

FONSECA, Carlos da. **História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal**. v. II – Os Primeiro Congressos Operários (1865-1894). Mem Martins: Publicações Europa-América, 1979b.

FONSECA, Carlos da. **História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal**. v. III – O Operariado e a Igreja Militante (Da “Rerum Novarum” à Implantação da República). Mem Martins: Publicações Europa-América, 1979c.

FONSECA, Carlos da. **História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal**. v. IV – Greves e Agitações Operárias (1ª Parte). Mem Martins: Publicações Europa-América, 1979d.

FREIRE, João. Traços e esboços de um anarquismo português. In: ABREU, Carlos (Org.) **100 anos de anarquismo em Portugal, 1887-1987**. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Biblioteca Nacional, 1987, p. 17-28.

GOMES, António Martins. O exemplo do Brasil no crepúsculo da monarquia portuguesa. **Navegações**, v. 3, n. 2, p. 164-170, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/8437/6022>. Acesso em: 30 out. 2019.

GOMES, António Martins. O operariado e o anarquismo em *Amanhã*, de Abel Botelho. **Revista UBILETRAS**, n. 4, p. 41-52, 2009. Disponível em: <http://ubiletras.ubi.pt/wp-content/uploads/ubiletras04/martins-gomes-operariado-anarquismo.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

HEGENBERG, Leônidas. **Doença: um estudo filosófico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/pdj2h>. Acesso em: 24 out. 2019.

HOBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**: psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

MAMEDE, Isabelle de Castro. **A representação feminina nos romances *O Livro de Alda e Fatal Dilema de Abel Botelho***. Dissertação (Mestrado em Literaturas Românicas Séculos XIX e XX), Universidade do Porto, Porto, 2006. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_3441c3eac4bd8fcb9a34170d0c31b38d. Acesso em: 20 out. 2019.

MITTERAND, Henri. Le Savoir et l'imaginaire: *Germinal* et les ideologies. In: **Le Discours du Roman**. Paris, PUF, 1980.

MITTERAND, Henri. **Le Regard et le Signe** – Poétique du roman réaliste et naturaliste. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

MITTERAND, Henri. **Le Roman à l'Oeuvre**: genèse et valeurs. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

MÓNICA, Maria Filomena. Os Trabalhadores e os Anarquistas. In: ABREU, Carlos (Org.) **100 anos de anarquismo em Portugal, 1887-1987**. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Biblioteca Nacional, 1987, p. 11-15.

MOISÉS, Massaud. **A “Patologia Social” de Abel Botelho**. São Paulo: EdUSP, 1961.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REIS, Carlos (Dir.). **História Crítica da Literatura Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Verbo, [1993]. p. 266-267. v. 6: realismo e naturalismo.

SÁ, Victor de. **Formação do movimento operário português**. Coimbra: Centelha, 1978.

SANTANA, Maria Helena. **Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX**: a narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SANTOS, Rivaldo Pereira dos. **Entre silêncios, nódoas e cobiça**: homossexualidades masculinas, dominação e transgressão em *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho e *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2_d237e3b21d4e5453e69307b41a4e3803. Acesso em: 20 out. 2019.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 11. ed. Porto: Porto Editora, 1955.

SILVA, Susana Serpa. Sonhos e ideais de vida. Sonhos privados/sonhos globais. In: VAQUINHAS, Irene (Coord.). **História da vida privada em Portugal**: a época contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011, p. 382-427.

SOARES, Anabela Rodrigues. **Nana, de Émile Zola, e O Livro de Alda, de Abel Botelho**: para uma poética do erotismo. Dissertação (Mestrado em Estudos Franceses), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_f14fdfbfb013c24cbe12dab9d9f675f2. Acesso em: 28 out. 2019.

VAQUINHAS, Irene. A família, essa “pátria em miniatura”. In: VAQUINHAS, Irene (Coord.). **História da vida privada em Portugal**: a época contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011, p. 118-152.

VAQUINHAS, Irene (Coord.). **História da vida privada em Portugal**: a época contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1906. Disponível em *La Bibliothèque électronique du Québec*: <https://beq.ebooksgratuits.com/vents/zola-13.pdf> Acesso em: 30 jan. 2020

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. Tradução de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.